

ISSN 1679-0952

maestria

n.12



Revista do Centro Universitário de Sete Lagoas
2014

Copyright © Centro Universitário de Sete Lagoas

Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM

Reitor

Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho

Pró-Reitor Acadêmico

José Hamilton Ramalho

Pró-Reitor Administrativo

Erasmoo Bruno Gonçalves

Maestria – Revista do Centro Universitário de Sete Lagoas

Projeto gráfico e produção

Sérgio Antônio Silva

Capa

Sérgio Antônio Silva e Sérgio Luciano da Silva

Diagramação

Camilla de Godoi Pacheco

Normatização

Maria Luiza Campolina França

Impressão e acabamento

Gráfica UNIFEMM

Tiragem

800 exemplares

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem autorização por escrito.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Solicita-se permuta / Exchange issues / On demande échange

Endereço para correspondência

Maestria – Biblioteca Central – UNIFEMM

Av. Marechal Castelo Branco, 2765, Santo Antônio

CEP 35701-242 – Sete Lagoas, MG

maestria@unifemm.edu.br

m a e s t r i a

Revista do Centro Universitário
de Sete Lagoas



maestria	Sete Lagoas	n.12	120p.	2014
----------	-------------	------	-------	------

Maestria – Revista do Centro Universitário de Sete Lagoas

Conselho Editorial

Vanessa Padrão de Vasconcelos Paiva (Coordenadora)

Doutora em Sociologia pela Université Paris V -
René Descartes / France

Vínculo institucional: Centro Universitário de Sete Lagoas

Adelaide Maria Coelho Baêta

Doutora em Engenharia de Produção – Gestão da Inovação pela UFRJ

Vínculos institucionais: Universidade FUMEC /
Centro Universitário de Sete Lagoas

Anderson de Souza Sant'Anna

Doutor em Administração pela UFMG

Vínculo institucional: Fundação Dom Cabral

Hélio Vilela Barbosa Júnior

Doutor em Ciência Animal pela UFMG

Vínculo institucional: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Márcio Gomes Dias

Doutor em Marketing pela Universidade de Poitiers (França)

Coordenador de Comunicação do SEBRAE Nacional.

Paulo César Magalhães

Doutor em Field Crop Physiology pela Mississippi State
University / USA

Vínculo institucional: EMBRAPA Milho e Sorgo

Sérgio Antônio Silva

Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG

Vínculos institucionais: Centro Universitário de Sete Lagoas /
Universidade do Estado de Minas Gerais

Maestria – Revista do Centro Universitário de Sete Lagoas –
v.1, n.1 (jan./jun. 2003). – Sete Lagoas: Centro Universitário de
Sete Lagoas – UNIFEMM, 2011.

n.12; il.

Semestral. Anual.

ISSN – 1679-0952

Continuação de: Maestria – Revista da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Sete Lagoas

1. Ciências Sociais – Periódicos. 2. Ciências Humanas – Periódicos.
3. Ciências Exatas – Periódicos. 4. Ciências biológicas e da
saúde – Periódicos. 5. Língua e literatura – Periódicos. I. Centro
Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM.

CDD: 050

Sumário

Editorial	7
-----------	---

Artigos

O papel da liderança em processos de fusão	13
--	----

Pedro Parreira
Damasceno Dias
Albino Lopes
Miguel Lopes

A sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração	27
--	----

Iago Vinícius Avelar Souza
Anderson de Souza Sant'Anna

Provas da existência de Deus em São Tomás de Aquino	55
---	----

Eduardo Bedoya

Corpos, marcas e sexualidades	61
-------------------------------	----

Filipe Gabriel

Como ganhar o voto em 30 segundos? Proposta para o estudo de estratégias de persuasão por meio da utilização de spots em campanhas majoritárias	79
---	----

Daniela Paiva

Relato de experiência

A construção do raciocínio
lógico-dedutivo para alunos dos
cursos de engenharia metalúrgica **99**

João Bosco dos Santos

Ricardo Shitsuka

Ricardo Luiz Perez Teixeirai

A MAESTRIA chega ao número 12 trazendo aos seus leitores algumas propostas novas, algumas delas já em andamento. A primeira delas é a decisão em colocar nossa revista como um veículo de internacionalização do UNIFEMM, buscando interlocutores em universidades e centros de pesquisa de outros países. É com muita satisfação que contamos, também neste número (o terceiro consecutivo), com mais um trabalho apresentado por professores estrangeiros. Desta vez os pesquisadores portugueses, Pedro Parreira, Damasceno Dias, Albino Lopes e Miguel Lopes, discutem *O papel da liderança em processos de fusão*, resultado de pesquisa em duas instituições portuguesas da Administração Pública, uma com regime laboral público e outro privado.

Outra novidade que compartilhamos com os nossos leitores, ainda em processo, é a decisão de editarmos semestralmente o nosso periódico. Em razão da quantidade e qualidade das contribuições que temos recebido estamos começando, ainda em 2014, com a publicação de dois números. Além de manter a revista impressa, já está em estudo a disponibilização online.

Além do artigo dos professores portugueses consta neste número outro trabalho no campo da Administração — *A sociologia de bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração* — em que os autores Iago Vinícius Avelar Souza e Anderson de Souza Sant’Anna apresentam o resultado de uma pesquisa bibliométrica a respeito da utilização de conceitos do sociólogo Bourdieu em estudos no campo da Administração, mostrando a potencialidade do uso desses conceitos no terreno dos estudos organizacionais, em especial, os de natureza empírica.

Dois outros artigos transitam pelo terreno da filosofia e da cultura apresentando temas instigantes e polêmicos. O primeiro deles, do Professor Eduardo Bedoya, discute as *Provas da existência de Deus em São Tomás de Aquino*, uma reflexão sobre a filosofia em Tomás de Aquino com explicações teológicas, tal como a da existência de Deus. O segundo artigo — *Corpos, marcas e sexualidade* — apresentado por Filipe Gabriel, problematiza a questão da constituição do corpo como algo que ultrapassa os limites físicos do corpo biológico e introduz a cultura como presente na constituição dos corpos e dos sujeitos.

Uma temática atual e pertinente para o momento é o artigo *Como ganhar o voto em 30 segundos? Proposta para o estudo de estratégias de persuasão por meio da utilização de spots em campanhas majoritárias*, apresentado por Daniela Paiva, que trabalha com as estratégias de persuasão utilizadas em campanhas políticas, em especial nas propagandas televisivas. Utiliza como dado empírico as propagandas eleitorais de 2006 para presidência da república, em especial uma análise dos *spots* “utilizados nas campanhas daqueles que obtiveram os melhores resultados no primeiro turno”. A partir desse estudo cria uma tipologia de estratégias utilizadas pelos diferentes partidos e mostra que a grande construção dessas propagandas é centrada na qualidade dos candidatos, deixando de lado as discussões de natureza política.

Este número inclui, ainda, o resultado de um experimento feito com alunos de engenharia metalúrgica, pelos professores João Bosco dos Santos, Ricardo Shitsuka e Ricardo Luiz Perez Teixeira. Publicado como relatório de experiência, o texto — *A construção do raciocínio lógico-dedutivo para alunos dos cursos de engenharia metalúrgica* — mostra como algumas intervenções podem ajudar no desenvolvimento do raciocínio lógico-dedutivo, tão necessário à formação de futuros engenheiros.

Mais uma vez, agradecemos a todos que nos enviaram sua contribuição para a constituição de mais esse número de MAESTRIA, aos nossos colegas que atuaram como pareceristas *ad hoc*, aos nossos leitores e a todos aqueles que colaboram para que a nossa revista continue com seu projeto de contribuir para a produção, discussão e difusão dos saberes.

Os comentários e críticas serão bem vindos e podem ser enviados para: maestria@unifemm.edu.br.

Vanessa Padrão de Vasconcelos Paiva
Coordenadora do Conselho Editorial



Artigos

O papel da liderança em processos de fusão

Damasceno Dias*

Albino Lopes**

Miguel Lopes***

Pedro Parreira****

* Doutorado em
Gestão na variante
de Organização e
Desenvolvimento de
Recursos Humanos-
ISCTE - Instituto
Superior de Gestão
(ISG)- Lisboa-
Portugal
E-mail: damasceno.
dias@gmail.com

** Doutorado
em Gestão pela
Universidade
Católica de Lovaina,
com Agregação em
Gestão de Recursos
Humanos pelo
ISCTE Lisbon Tech
University (UTL)
Institute (ISCSP)
- Lisboa-Portugal
E-mail: alopes@
iscsp.utl.pt

***Doutorado em
Psicologia Aplicada
e pós-doutorado
em Economia pela
Universidade Nova
de Lisboa Lisbon
Tech University
(UTL) Institute
(ISCSP) – Lisboa-
PortugalE-mail:
mplopes@iscsp.utl.pt

**** Doutorado
em Gestão, Instituto
Superior de Ciências
do Trabalho e
da Empresa -
Escola Superior
de Enfermagem
Coimbra – Coimbra
- Portugal. E-mail:
parreira@esenfc.pt

Resumo

Foram realizados estudos em duas instituições da Administração Pública em fusão, uma com regime laboral público e outra privado, os quais visavam analisar a cultura e a liderança com base na metodologia Investigação-Ação e Estudo de Caso. Os estudos de carácter quantitativo, analisam o clima organizacional após a aferição das propriedades psicométricas dos instrumentos, tendo revelado uma proximidade cultural, apesar das práticas de gestão diferenciadas e destaca o papel das lideranças intermédias como agentes facilitadores de mudança, elos de ligação entre o topo e a base. É discutida a questão do “choque de culturas” como sintoma e não como causa dos fracassos, destacando-se a necessidade de um projecto nascido a partir do todo em fusão.

Palavras-chave: Liderança. Cultura. Fusões. Mudança organizacional.

Abstract

Studies were conducted in two institutions of public administration in a merger, an employment scheme with other public and private, which aimed to analyze the intermediate culture and leadership based on the methodology and Action Research Case Study. Any quantitative studies, analyze the organizational climate after the psychometric properties of measurement instruments, having revealed a cultural proximity, despite the different management practices and the role of interim leadership as facilitators of change, links between the top and base. It discussed the issue of "culture shock" as a symptom and not the cause of failures, highlighting the need for a project born from the all-fusion.

Keywords: Leadership. Culture. Merges. Organizational Change.

1 Introdução

O ponto de partida não foi uma teoria e um quadro de hipóteses, mas antes uma prática real e concreta. É por isso, neste sentido que a investigação se baseou na metodologia de estudo de caso, pretendeu-se aprofundar a investigação duma realidade factual que estava a decorrer, recolhendo dados para análise e posterior interpretação, que permitisse entender o que se estava a passar, bem como, construir uma narrativa que servisse como memória futura, e em que, porventura, pudessem estar reflectidos os cenários de acção passíveis de contribuir para a redêfinição quer do processo quer do sentido, na condução e implementação da fusão, ao serviço do todo organizacional emergente do próprio processo.

A população constituiu-se por 79 dirigentes, 36 da Instituição “A” e 43 da Instituição “B”, 57% do sexo masculino e 43% do sexo feminino. Em termos de idades, 43% (34) têm entre 51 e 60 anos, seguindo-se com 40,5% (32) o grupo etário dos 41-50 anos. A maioria dos funcionários, 84,8% (67) é detentora de uma licenciatura, seguindo-se o grau do 12.º ano ou equivalente com 10,1%.

Relativamente à área em que desempenham a actividade profissional, a grande maioria, 47,9% (34) trabalham nos serviços de apoio. No que respeita ao tempo de trabalho na instituição, 35,4% (28) pertencem ao grupo dos 16 aos 20 anos, seguindo-se com 25,3% (20) o grupo que trabalha na Instituição há mais de 20 anos.

2 Análise de um estudo de consultoria

Com o objectivo de perceber o papel duma Empresa de Consultoria contratada para acompanhar o processo de

fusão, procedemos a uma análise do relatório em que se reflectia o estudo de congruência entre a estrutura orgânica e os objectivos e a consequente recomendação do um futuro desenho organizacional, bem como a adequação da gestão recursos humanos nas diferentes áreas de actividade.

Da análise deste relatório realçamos que o entendimento das pessoas parece suportar as conclusões e recomendações de que todos os intervenientes consideraram a nova estratégia como óbvia. Os pontos considerados fortes correspondem de uma maneira geral às competências que os respondentes vêem nas pessoas; os pontos fracos ao invés são atribuíveis a condicionantes e actores externos à organização. A atribuição causal subjacente aos dados apresentados é interna quanto aos pontos fortes e externa quanto aos pontos fracos. De acordo com a abordagem teórica de Rotter e de Peterson entre outros (Lopes e Reto, 1991), quando o que funciona bem é auto-atribuído por um indivíduo, grupo ou organização e o que funciona mal, é atribuído a factores externos, está-se perante um locus de controlo externo com fraca ou nula disponibilidade para a mudança.

Os dados encontrados parecem estar em conformidade no que seria legítimo esperar em qualquer organização de cariz burocrático e administrativo em que o poder é essencialmente político e não gestor.

Em síntese, tudo indica que a estratégia de apresentação dos dados parece ser o de não levantar ondas e salientar os aspectos que poderiam confortar o ponto de vista do CA, uma vez que, os aspectos favoráveis ao andamento da fusão mereceram globalmente uma relevância superior à dos potenciais problemas. Estes, no entanto, pela análise que fizemos eram muitíssimo mais evidentes. Podemos deste modo concluir, com alguma segurança de que (o grupo resultante do par Empresa Consultora /CA) funcionou como um verdadeiro Groupthink.

3 Inquérito por questionário

A segunda parte do trabalho empírico refere-se à adaptação do instrumento “AUDIT”, uma vez que só com a utilização de instrumentos válidos e fiáveis se torna possível contribuir, de uma forma rigorosa para o processo de investigação, conduzindo a análises e explicações mais próximas da realidade organizacional. Seguimos os procedimentos e recomendações sugeridos por Hill e Hill (2000) na avaliação da validade de constructo. Recorremos à técnica da análise factorial dos componentes principais, evidenciando a dimensionalidade do instrumento (NUNNALLY, 1978; HILL; HILL, 2000). A fiabilidade das dimensões foi também avaliada mediante a determinação do coeficiente alpha de Cronbach que globalmente apresentou valores adequados, conforme a figura seguinte ilustra:

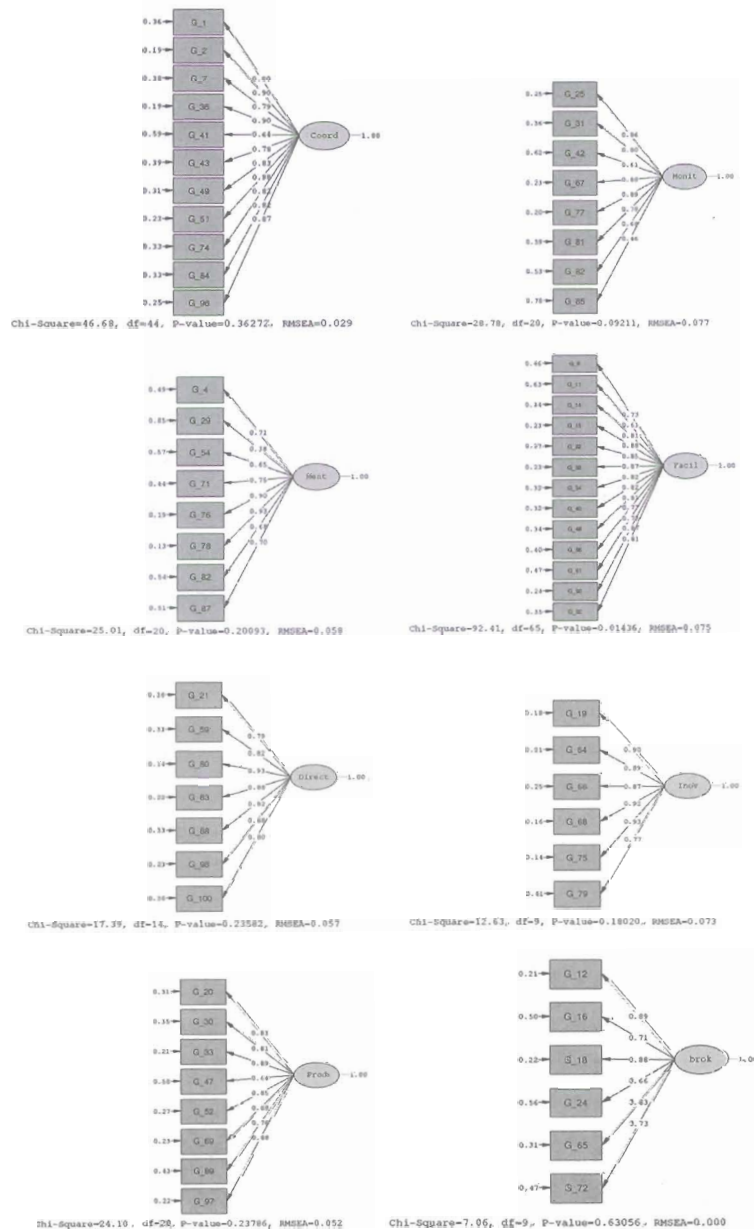
Resultados Obtidos AUDIT (Neves e Lopes, 2002)

Reputação organizacional (.85)	Estilo de Liderança
Comunicação e Informação (.76)	Coordenador (.95);
Gestão do conflito (.44)	Monitor (.93);
Aprendizagem Organizacional (.71)	Mentor (.90);
Factores de stress (.76/.75)	Facilitador (.95);
Sintomas de stress (.82)	Director (.92);
Determinantes das recompensas (.91)	Inovador (.93);
Justiça (.87/.75)	Produtor (.94);
Política de qualidade (.80)	Broker (.89);
Determinantes das promoções (.60)	
Impacto das promoções (.87)	
Eficácia de actuação organizacional (.81)	
Satisfação organizacional (.93)	
Implicação organizacional (.85)	
Cultura Organizacional (.88/.63/.88/.79)	

Para o caso do instrumento de liderança, além dos procedimentos anteriormente mencionados, foram também efectuadas análises factoriais confirmatórias, que mostraram

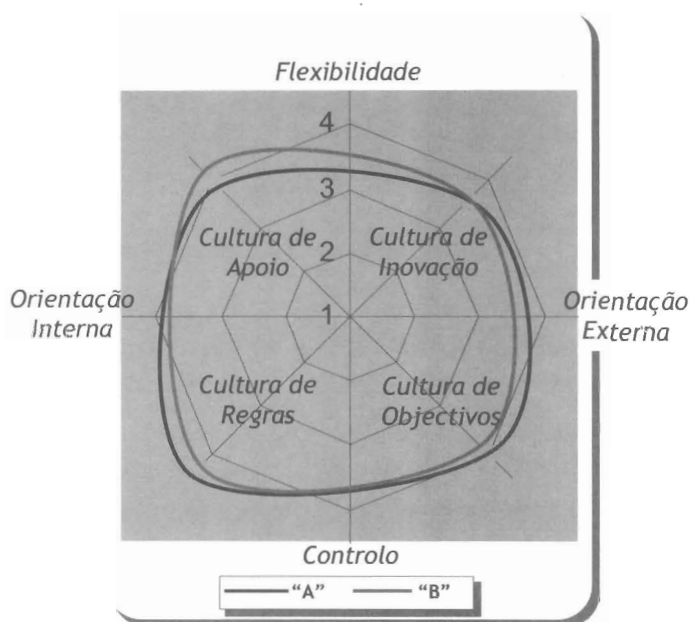
índices de bondade de ajustamento adequados, conforme a figura seguinte ilustra:

Representação dos modelos para os papéis de liderança



Os resultados apresentados não mostram diferenças estatisticamente significativas entre as duas organizações, evidenciando culturas e climas similares, exceptuando-se as práticas de gestão de Recursos Humanos.

Análise da cultura organizacional enquadrada no modelo de Quinn, (1988) revelou uma proximidade conforme diagrama que se apresenta



Não se tendo encontrado diferenças globais, entre as duas instituições em análise, que nos permitissem encontrar factores explicativos das dificuldades que o processo encontrava, partimos então, para a análise entre o grupo de líderes do 1.º nível, Directores e os do 2.º nível, os Chefes de Serviço, considerados como sendo as lideranças intermédias mais próximas do nível operacional, conforme a figura seguinte ilustra:

Resultados do 2º Estudo

Dimensões	Média de ordenação
Reputação organizacional	(50,14 /36,09)*
Comunicação partilha de informação com a chefia	(48,52 /36,71)*
Factores de stress e carga de trabalho	(52,45 /35,19)*
Papel de liderança Monitor	(46,52 /35,44)*
Papel de liderança Inovador	(47,14 /35,20)*
Determinantes das recompensas	(50,05 /35,36)*
Políticas de qualidade	(51,86 /34,64)*
Satisfação organizacional com a chefia	(50,89 /32,87)*
Satisfação organizacional com o trabalho	(49,71 /35,74)*
*p ≤ 0.05	

Esta análise evidenciou justamente diferenças estatisticamente significativas entre a liderança do grupo de Directores e a liderança do grupo de Chefes de Serviços.

A síntese dos resultados apresentada, parece confirmar, que não seria nem o clima nem o choque de culturas o criador de obstáculos ao processo de fusão, ao contrário do que se poderia depreender na sequência da generalidade dos autores que trataram do tema. Parece assim que não é um problema de cultura mas sim de gestão, na medida em que, não foi tido em conta o papel da liderança intermédia na criação do sentido que é transmitido às bases e no seu duplo papel de compra ao topo e venda aos seus colaboradores, de um novo projecto organizacional.

O processo parece, deste modo, constrangido a dividir as organizações em dois, sendo precisamente no núcleo interior do corpo dos líderes intermédios, que passa a fronteira entre o baixo e alto da organização, tendo sido gerado um estrangulamento. Este parece ter uma saída possível por equivaler aquilo que tem sido designado por “efeito de clepsidra”.

4 Entrevistas semi-estruturadas

A terceira parte do trabalho empírico pretendeu analisar a percepção dos gestores intermédios acerca do processo de fusão. O estudo recorreu à entrevistas que abrangeram dirigentes de diferentes níveis hierárquicos, e distribuídas pelas várias áreas funcionais e que foram efectuadas com recurso à utilização de novas tecnologias de informação e comunicação, explorando as potencialidades destas com a utilização de um programa “moodle”, em regime de “software livre”, o qual permitiu o tratamento das entrevistas de forma electrónica, garantindo a necessária confidencialidade.

Da análise de conteúdo efectuada às entrevistas, começamos por verificar que a forma de articulação interna, entre os diferentes órgãos das instituições, apresentava algum equilíbrio, não parecendo existir uma clivagem, entre os organismos mas sim, entre os níveis hierárquicos. Tudo indica que existia uma certa convergência quanto ao grau de compreensão dos objectivos, por parte da estrutura hierárquica de ambos os organismos, muito embora os respondentes, maioritariamente, associassem os objectivos aos aspectos de carácter economicista.

Os dados revelam a fractura do corpo dirigente e a “impossibilidade” do exercício da função de mediação, enquanto corpo. Esta síntese permite-nos concluir ainda que o processo à partida não tinha objectores convictos.

5 Episódios narrativos

Este é um estudo de natureza qualitativa cujo principal objectivo era o de compreender como as pessoas constroem a experiência de participar num projecto de fusão desenvolvido no seio de uma organização, utilizando as histórias como pivot para fazer sentido, ajudando à compreensão, sugerindo uma ordem casual para os eventos, permitindo que as pessoas falem sobre as coisas ausentes, actuando como mnemónica, acção guia e fazendo partilhar valores e significados. Procurando perceber os sinais de mudança emergentes, de forma a torná-los mais salientes, captando os sinais que traduzem e explicam as revoltas, os anseios, as angústias e tudo o que se passa à margem do processo de mudança em si. A orientação metodológica foi derivada da interpretação hermenêutica, utilizando a análise desse método de narrar os acontecimentos.

O problema da comunicação, ou falta dela, tornava-se visível senão mesmo, crítica. A informação não circulava. Antes, parecia existir um gargalo que afunilava o fluxo de informação para baixo e para cima. Parecia sentir-se a falta de alguém que intermediasse as mensagens quer de cima quer de baixo. Segundo as pesquisas de Dotlich, Noel e Walker (2005), a maior dificuldade coloca-se na gestão da “zona neutra”. Trata-se segundo Bridges (1980), dum vazio que caracteriza o impasse entre a velha e a nova realidade em que as duas culturas se “partem”, as emoções e razões se confundem, sendo necessário uma liderança que ajude a alavancar e a fazer ressurgir uma nova realidade, permitindo, assim, refazer valores, reorientar atitudes e reforçar o auto-conceito. Na perspectiva de Dotlich, Noel e Walker (2005), parece que, o papel da liderança intermédia, mostra-se crucial para garantir que a transição seja bem sucedida. Este papel de ligação que segundo a literatura é atribuída à chefia intermédia, neste caso não foi tido em conta.

6 Conclusão

A mudança em apreço, perspectivada sob a forma de decreto imperativo, determinando a fusão de dois organismos muito diferentes, passou por cima das questões levantadas por diferentes autores, não envolvendo, no processo a dita gestão intermédia.

Independentemente do sector de actividade ou da natureza jurídica das organizações em causa, a literatura tem revelado o cuidado a ter na compatibilização entre culturas organizacionais diferentes, evidenciando a noção de choque entre culturas e do potencial perigo daí decorrente para a eficácia das fusões ou aquisições. Os resultados de diversas investigações apontam mesmo para um nível de fracassos (por falência ou por menor eficácia, menor eficiência, ou por ambas) próximo de 70% dos casos (AIELLO; WATKINS, 2000; ASHKENAS; FRANCIS, 2000).

O papel dos líderes intermédios tem mesmo sido desvalorizado pela sua função de obstáculo eventual à passagem da comunicação entre o topo e a base das organizações.

Apenas algumas investigações enquadradas na literatura sobre mudança organizacional têm levantado de forma consistente a necessidade de uma mediação entre o alto e o baixo das estruturas organizacionais, daí derivando o problema das lideranças intermédias com um duplo papel, de compra ao topo e venda aos seus colaboradores, de um novo projecto organizacional (WEICK, QUINN, BALOGUN, NONAKA, MINTZBERG).

Efectivamente a teoria da mudança distingue, de acordo com Weick e Quinn, entre mudança episódica e contínua. A mudança episódica é de certo modo compatível com a visão de um projecto vindo de cima para baixo, bastando para o efeito que ele seja explicado, que se evitem as armadilhas culturais e que ele seja habilmente implementado passo

a passo, de forma a não gerar resistências impeditivas do processo de mudança.

A mudança profunda, enquanto característica, supostamente, indispensável nos processos de fusão deve ser alicerçada de forma contínua. Como tal, deve ser permanentemente relançada, a partir de ciclos sucessivos de comportamentos desejáveis, sendo o papel dos agentes facilitadores de mudança essencial para se estabelecer a ligação entre os três níveis da organização, topo, liderança intermédia e base. Este papel da detecção dos pontos de ancoragem das alavancas da mudança, parece estar apenas ao alcance da liderança intermédia, como instância mediadora e tradutora dos valores da cultura de topo e da cultura de base. É pois, o nível intermédio que pode estabelecer as necessárias conexões com o topo e transformar-se no tradutor e interprete entre o topo e a base. Ao topo vai buscar as balizas da visão; à base vai encomendar a procura das melhores formas de operacionalização, a partir de aspirações e experimentações em curso, muitas vezes presentes de maneira informal.

As conclusões, que obtivemos dos resultados, evidenciam a preocupação de responder apenas às exigências formais do decreto de fusão, entendida como mero acto jurídico/administrativo. Consideramos, ainda, que neste processo o grupo inicial que designámos de Comité de Projecto funcionou, apenas, segundo a lógica de Janis (1977) de pensamento grupal ou groupthink. Todos foram dizendo aquilo que se esperava ver ou que a administração expectava.

A análise do clima e cultura organizacional às duas organizações em processo de fusão revela uma proximidade cultural, mas a existência de práticas de gestão de Recursos Humanos diferenciadas, dado o estatuto laboral de vínculo de direito privado num caso, e no outro de vínculo de direito administrativo, situação esta, que configurava uma realidade paradoxal.

O diário de investigação, apresentado, num terceiro momento, sob a forma de narrativa, elaborada a partir da situação do investigador como observador participante que permitiu ordenar as experiências vividas à medida que iam fazendo sentido, vem demonstrar que o projecto se resumiu à implementação formal de um decreto de fusão.

Cinquenta anos depois de Crozier (1963) ter anunciado que as sociedades e as organizações não se mudam por decreto, continuamos a assistir na Administração Portuguesa a um empenhamento consistente para procurar desmentir este autor.

Referências

BALOGUN, J. From blaming the middle to harnessing its potential: creating change intermediaries. *British Journal of Management* 14(1), 69-83. 2003.

DOTLICH, D. L.; NOEL, J. L.; WALKER, N. Leadership passages: being part of an acquisition or merger. *Journal of Organizational Excellence*, 23-29. 2005.

MINTZBERG, H. *Le pouvoir dans les organizations*. Paris: Éditions d'Organisation, 1986.

QUINN, R.; ROHRBAUGH, J. A spatial model of effectiveness criteria: toward a competing values approach to organizational analysis. *Management Science* 29(3), 363-77. 1983.

WEICK, K. E; KATHLEEN, M. S. *Managing, the unexpected*. S. Francisco: P-Bass, 2001.

A Sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em Administração¹

Iago Vinícius Avelar Souza*
Anderson de Souza Sant'Anna**

* Graduando em Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista do Núcleo de Desenvolvimento de Liderança, Fundação Dom Cabral. E-mail: iago.avelar@gmail.com

** Doutor em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenador do Núcleo de Desenvolvimento de Liderança, Fundação Dom Cabral. E-mail: anderson@fdc.org.br

Resumo

Este artigo tem como propósito apresentar resultados de pesquisa bibliométrica realizada junto aos anais do EnANPAD e do EnEO, no período de 2000 a 2013, com vistas a identificar a adoção do arcabouço teórico de Bourdieu em estudos no campo da Administração. Como resultado pôde-se constatar ênfase ainda reduzida quanto à adoção da perspectiva de Bourdieu na área. Do universo dos artigos publicados nos anais dos referidos congressos, 34 utilizaram o sociólogo francês como marco teórico, sendo 25 publicados nos anais do EnANPAD e 9, nos anais do EnEO, no período considerado. A distribuição irregular no tempo, a dispersão nas autorias e instituições de origem das produções sugerem a ausência de tradição, assim como de linhas de pesquisa mais consolidadas, envolvendo o arcabouço teórico bourdieusiano, na área, no país.

Palavras-chave: Bourdieu. Pesquisas em Administração. Estudos em Administração. Estudos Organizacionais. Pesquisa Bibliométrica.

¹ Artigo desenvolvido no âmbito de projeto de pesquisa realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

Abstract

This article aims to present the results of bibliometric survey developed on the proceedings of EnANPAD, and on the proceedings of EnEO between 2000 to 2013, with the purpose to identifying the adoption of Bourdieu's theoretical approach in studies in the field of Administration. The results indicate further reduced emphasis on the adoption of the perspective of Bourdieu in studies in the area. From the universe of articles published in the proceedings of these Academic Meetings, 34 used the French sociologist as theoretical approach, 25 in the EnANPAD proceedings, and 9 in the EnEO proceedings in the periods considered. The irregular distribution in time, the dispersion in the authorship and origin institutions of these authors suggest the absence of tradition, as well as more established lines of research involving the Bourdieu's theoretical approach in the field, in Brazil.

Keywords: Bourdieu. Research in Administration. Business Administration Studies. Organizational Studies. Bibliometric Research.

1 Introdução

Analisar e discutir os estudos e conceitos de Bourdieu não constitui tarefa simples, notadamente, quando se considera sua trajetória pessoal, a amplitude e a riqueza de suas contribuições teóricas e metodológicas. Não obstante tais desafios, uma revisita aos principais conceitos desse autor que, ao longo de sua obra, abrange temas diversos – arte, cultura, educação, patronato, campesinato, consumo, política – sob o enfoque de diferentes disciplinas – sociologia, filosofia, etnologia, antropologia, economia, história, entre outras – revela-se significativo quanto a novos olhares e perspectivas, capazes de ampliar a compreensão acerca da dinâmica da sociedade, das organizações e indivíduos que marcam o contemporâneo.

No campo dos estudos em Administração, conversações com o arcabouço teórico bourdieusiano encontram-se, mesmo considerando as amplas possibilidades que o autor apresenta, ainda pouco exploradas, resultando em significativo potencial quanto a novas abordagens teórico-metodológico-conceituais que venham a propiciar investigar as relações sujeito-trabalho-organizações-sociedade, conforme mencionado, sob novas formas e perspectivas.

Nesse sentido, parece significativo, como ponto de partida, revisitar os principais construtos elaborados por Bourdieu como, por exemplo, as noções de *habitus*, campo, capital (econômico, cultural, social e simbólico). Além disso, aprofundar quanto a implicações de suas considerações sob temas como a dominação, a distinção, a violência simbólica, dentre outros, cuja aplicabilidade no âmbito dos estudos organizacionais parece-nos intuitiva. Com base nessa revisão, propõe-se um levantamento bibliométrico da produção no campo dos Estudos em Administração fundamentados no arcabouço teórico desse autor.

Cabe salientar que a pesquisa bibliométrica envolveu, além do conjunto dos anais dos Encontros de Estudos

Organizacionais – EnEO, revisão dos anais dos Encontros Nacionais dos Programas de Pós-Graduação em Administração – EnANPAD, no período de 2000 a 2013.

Isto posto e tendo por base os objetivos deste artigo, discorre-se, a seguir, sobre conceitos-chave que compõem a base da sociologia de Bourdieu para, na sequência, apresentar achados da pesquisa bibliométrica procedida.

2 A gênese do *habitus*

O *habitus* pode ser compreendido como um conceito central na sociologia de Pierre Bourdieu, estando presente na base da reprodução da ordem social e se constituindo como mediador entre as instâncias do individual e do coletivo. Segundo ele, “trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Em termos históricos, o *habitus* é um antigo conceito aristotélico-totemista repensado por Bourdieu, que evolui dentro de suas próprias obras, passando de um conceito determinista a um mais aberto, que leva em conta a autonomia da ação do agente (BOURDIEU, 2004). Nessa direção, Bourdieu (2009, p. 87) o define como:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Desse modo, o *habitus* é um sistema de disposições que os indivíduos adquirem no processo de socialização, ou seja, são modos de agir, fazer, perceber, sentir e pensar, interiorizados pelos indivíduos como resultado das condições de sua existência. Contudo, não é uma imposição, é, na verdade, uma disposição de sentido, fornecendo ao agente um sentido de comportamento, a partir de sua relação com a sociedade, a estrutura e a ação. Ainda permite a produção de pensamentos, percepções e todas as ações nas condições particulares de sua produção, evidenciando uma liberdade, porém, controlada. (BOURDIEU, 2009; WACQUANT, 2002).

É, nessa direção, um sistema de classificação que limita as escolhas dos indivíduos, um sistema de classificação anterior à ação, que na forma interiorizada permite ao agente agir sem precisar lembrar, necessariamente, das regras observadas para tal. Além de sistema de classificação, o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas classificáveis de um sistema e de sistemas de classificação (BOURDIEU, 2008).

Em termos estruturais, o *habitus* é composto de duas dimensões, primeiro, pelos princípios de valores morais que de forma interiorizada passam a regular a conduta dos indivíduos; e, segundo, pela postura, ou forma de disposição do corpo e suas relações, sendo essas duas partes, no entanto, indissociáveis. Em linhas gerais, o *habitus* compõe a raiz daquilo que define a personalidade dos indivíduos. Assim sendo, até mesmo as preferências e gostos são produtos do *habitus* (BONNEWITZ, 2003).

Bourdieu ainda trata o *habitus* como fator de distinção, produto da posição e da trajetória social dos indivíduos, assim, cada classe corresponde a um *habitus* diferente, que produz práticas distintas e se organiza por meio de diferentes capitais.

Apesar de tanto Bourdieu quanto Karl Marx tratarem a realidade social como relações entre classes historicamente em luta, a maneira com que o primeiro constrói a teoria do espaço social pressupõe rupturas com a teoria marxista

(GONÇALVES, 2010). Para Bourdieu, a posição social não se refere apenas à posição nas relações de produção, mais à posição ocupada nos diferentes campos sociais. Bourdieu considera o campo social como um espaço multidimensional, o qual não deve ser tratado unicamente pela dimensão econômica, devendo considerar, também, as lutas simbólicas que ocorrem nos diferentes campos (BOURDIEU, 2010).

Assim sendo, nas palavras do autor, o *habitus* constitui:

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Cada condição é definida, inseparavelmente, por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições que é, também, um sistema de diferenças, de posições diferenciais, ou seja, por tudo o que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença (BOURDIEU, 2008, p. 164).

Pela sociologia de Bourdieu, todos os indivíduos biológicos, sendo produto das mesmas condições e de mesmos *habitus*, seriam, *a priori*, idênticos. Cada indivíduo é nada mais que uma variante de um *habitus* de posição de classe, sendo o princípio da diferença entre os *habitus* individuais decorrentes de trajetórias sociais distintas. Ou seja, existe um *habitus* de classe e dentro desse algumas variações, que repercutem as individualidades, produtos das trajetórias individuais. Segundo Bourdieu (2009: 100):

O princípio das diferenças entre o *habitus* individuais reside na singularidade das trajetórias sociais, às quais correspondem séries de determinações cronologicamente ordenadas e irredutíveis umas às outras: o *habitus* que, a todo momento, estrutura em função das estruturas produzidas pela experiências anteriores as experiências novas que afetam essas estruturas nos limites definidos pelo seu poder de seleção,

realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, das experiências estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe. Com efeito, o peso particular das experiências primitivas resulta, no essencial, do fato de que o *habitus* tente a garantir sua própria constância e sua própria defesa contra a mudança mediante a seleção que ele opera entre as informações novas, rejeitando, em caso de exposição fortuita ou forçada, as informações capazes de questionar a informação acumulada e, principalmente, desfavorecendo a exposição a tais informações.

Nesse sentido, o *habitus* é entendido como forte fator de reprodução social. Os agentes, quando dotados de mesmo *habitus*, não precisariam entrar em acordo para agir da mesma maneira. Cada um, acreditando obedecer a um gosto individual, concordaria, de forma inconsciente, com os outros. Sob tal perspectiva, a prática coletiva deve sua unidade ao *habitus* coletivo, que cria a ilusão da escolha, quando os agentes estão apenas mobilizando o *habitus* que os modelaram (BONNEWITZ, 2003).

Dessa forma, o *habitus* está diretamente relacionado à prática, ou melhor, ela é resultado dela, mas não somente. Bourdieu (2008, p. 97) chega a propor uma fórmula para sua compreensão: “[*(Habitus)* (*Capital*)] + *Campo* = *Prática*”. Partindo dessa fórmula, o *habitus* se traduziria em estilos de vida, julgamentos morais, políticos e estéticos que, também, permitem criar estratégias individuais e coletivas (VASCONCELOS, 2002).

Em adição, Bourdieu lembra que para compreender a constituição do *habitus* é necessário conhecer sua história, gênese e estruturas vigentes na sociedade e em um dado campo, em particular. As funções sociais seriam, portanto, ficções, na medida em que se forjam a partir de uma imagem social – por meio da representação – e, para serem cumpridas, necessitam de adesão dos agentes ao jogo social. O *habitus* seria, assim, um fator explicativo da lógica de funcionamento da sociedade (GONÇALVES, 2010).

Bourdieu enfatiza, ademais, que o *habitus* possui características que se incorporam ao agente, levando-o a se tornar o próprio agente que reproduz, internamente, as estruturas externas do mundo. Contribui, ainda, de forma sutil e, não raro, inconsciente, para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 2010).

Também é a forma pela qual as instituições encontram sua realização. A propriedade se apropria do proprietário, sob a forma de estruturas geradoras de práticas, conformes a sua lógica e exigências (BOURDIEU, 2009). Contudo, o *habitus* não é um destino, sendo um produto da história, está sujeito a novas experiências e a ser por ela afetado. Ele é duradouro, porém não imutável.

De fato, Bourdieu, quando propõe o conceito de *habitus*, pretende evidenciar que o ser humano é um ser social, que seus comportamentos e ações, até as que julgamos mais naturais, são produtos da organização social. Também visava tratar a lógica das práticas nos diferentes campos e mecanismos da reprodução social (BONNEWITZ, 2003).

Juntamente com o *habitus*, o conceito de campo também ocupa lugar de destaque na sociologia de Bourdieu.

3 A estrutura dos campos sociais

Bourdieu define a sociedade como um conjunto de campos sociais atravessados por lutas entre classes. Cada campo é, desse modo, marcado por agentes sociais providos de mesmos *habitus*, sendo essa relação entre *habitus* e campo uma relação de condicionamento: o campo estrutura o *habitus* (BONNEWITZ, 2003).

Em *O poder simbólico*, Bourdieu trata o campo social como:

[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Ou seja, cada elemento do campo é um agente que comunga de interesses e capitais similares. Cada campo possui suas próprias características, com suas regras e capitais específicos. Por possuir uma parte que domina e outra que é dominada, de acordo com o acúmulo de capital que detém, o campo tende a ser marcado por conflitos constantes. O campo poderia ser considerado, desse modo, como um mercado, em que os agentes se comportariam como jogadores (BONNEWITZ, 2003).

Há que se salientar que não se tratariam, portanto, de espaços com fronteiras delimitadas: os campos interagem entre si, muito embora não sejam totalmente autônomos. O limite de um campo seria o limite de seus efeitos, em que tomam parte todos os que são afetados por tais efeitos ou nele os produz.

Bourdieu denomina essas características dos campos de *leis gerais dos campos*. Conforme Bonnewitz (2003, p. 60):

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis às que regem os outros

campos. Por exemplo, o campo artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem as lógicas diferentes.

Para Bourdieu (2010), cada campo é dotado de lógica e história própria, o que permite compreender sua relativa autonomia em relação aos outros. Nessa direção, campos diferentes só poderiam funcionar na medida em que se vislumbraassem agentes que lhes proporcionassem recursos, contribuindo para manter suas estruturas, ou de forma condicionada, transformá-los. A posição dos agentes no campo social dependeria, assim, de sua posição no espaço social. A estrutura dos agentes no campo social seria, em decorrência, reflexo da estrutura social. Apesar de possuírem lógicas próprias os campos são atravessados por clivagens idênticas às que opõem as classes sociais.

Bourdieu (2010, p. 69) ainda acrescenta que:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender tudo aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

Ainda segundo Bonnewitz (2003), e conforme já destacado, Bourdieu compara o campo com o mercado, com a relação entre produtores e consumidores. Os produtores, indivíduos que detêm algum capital específico e lutam entre si a fim de conquistarem capital suficiente para dominarem o campo. Nesse sentido, o campo é um espaço de forças opostas, sendo o capital um meio e um fim. Nas palavras de Bonnewitz (2003, p. 61):

Efetivamente, podemos comparar o campo a um jogo (embora, ao contrário de um jogo, ele não seja o produto de uma criação deliberada e obedeça a regras, ou melhor, a regularidade que não são explicadas e codificadas). Temos assim móveis de disputa que são, no essencial, produto da

competição entre os jogadores; um investimento no jogo, *illusio* (de *ludus*, jogo): os jogadores se deixam levar pelo jogo, eles se opõem apenas, às vezes ferozmente, porque têm em comum dedicar ao jogo, a ao que está em jogo, uma crença (doxa), um reconhecimento que escapa ao questionamento [...] e essa colusão está no princípio de sua competição e de seus conflitos. Eles dispõem de trunfos, isto é, de cartas mestras cuja força varia segundo o jogo: assim como a força relativa das cartas muda conforme os jogos, assim também a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, cultural, social, simbólico) varia nos diferentes campos.

O objetivo desse jogo é acumular o máximo de capital, desde que respeitadas suas regras. Ademais, as formas de jogar, conforme indicado, seriam relativas à quantidade de capital dos jogadores, ou seja, jogadores em posições dominantes tendem a ser conservadores. Já jogadores em posições dominadas tenderiam a ser contestadores, senão subversivos (BONNEWITZ, 2003). Buscando avançar a caracterização da noção de capital, discorre-se, no tópico a seguir, sobre o conceito a ela atribuída por Bourdieu.

4 O conceito de capital

Conforme já enunciado, segundo Bourdieu, os campos organizam-se, hierarquicamente, no interior do espaço social e de poder, a partir de capitais (GONÇALVES, 2010). Em outros termos, as diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social. Desse modo, para compreender como se organiza tal espaço torna-se relevante uma análise dos diferentes tipos de capitais mobilizados.

Sob essa ótica, convém, de antemão, salientar que Bourdieu, diferentemente de Karl Marx, não limita o conceito de capital à dimensão econômica. Para ele, o capital se acumula por meio de operações de investimento, transmite-se pela herança e

permite extrair lucros segundo a oportunidade que seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis (BONNEWITZ, 2003). A partir dessa definição, Bourdieu distingue quatro tipos de capitais: econômico, cultural, social e simbólico.

Segundo Bourdieu, o capital cultural apresenta-se sob três formas: no estágio incorporado, no estágio objetivado e no estágio institucionalizado, sendo, em todas essas manifestações, *a priori*, resultante do conjunto de qualidades intelectuais transmitida pela família ou adquiridas junto ao sistema escolar (GONÇALVES, 2010, p. 57).

No primeiro caso, pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação (*habitus*), não podendo ser transmitido instantaneamente, necessitando de investimento de tempo pelo agente, e não podendo ser acumulado, morre com o agente. No segundo, tratando-se de suportes materiais, estes podem ser transmitidos como propriedade, porém requerem uma condição específica para serem desfrutados: as disposições incorporadas que permitem apreciá-los. No terceiro caso, remete-se ao certificado escolar, documento jurídico que comprova a competência cultural do agente, mas que tem relativa autonomia em relação a este, por exemplo, com o reconhecimento social deste documento pode variar conforme o período histórico, ou quando em comparação com outros, concedidos por diferentes instituições.

O capital social, por sua vez, envolve a manutenção das relações sociais que englobam tanto os indivíduos quanto o coletivo, acumulando-se pelo processo de socialização, isto é, pela “rede de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento, ou a um conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...], mas também são unidos por ligações de permanentes de úteis” (NOGUEIRA; CATANI, 2005, p. 67).

Já o capital econômico é constituído pelos diferentes fatores de produção e pelos conjuntos dos bens econômicos, como bens materiais, renda, patrimônio (BONNEWITZ, 2003). É importante frisar que, para Bourdieu, a riqueza não

necessariamente é fator de capital econômico. Para que se comporte como capital é necessário, segundo esse autor, levar em conta sua relação com o campo: “a riqueza não pode funcionar como capital senão em relação com o campo propriamente econômico, que supõe um conjunto de instituições econômicas e um corpo de agentes especializados, dotados de interesses e de modos de pensamento específicos” (BOURDIEU, 2009, p. 205).

Por último, o capital simbólico, que faz referência aos outros capitais – na medida em que não existe sozinho, nem é independente dos demais – e a eles se associa, agregando valor. Para Bourdieu (2009, p. 196):

O capital simbólico é esse capital denegado, reconhecido como ilegítimo, isto é, ignorado como capital (o reconhecimento no sentido de gratidão suscitado pelos benefícios que podem se derivar de um dos fundamentos desse reconhecimento), constitui, sem dúvida, com o capital religioso, a única forma possível de acumulação quando o capital econômico não é reconhecido.

Por meio desse relato, Bourdieu enfatiza a relação entre capital social e capital econômico, ou seja, o capital econômico não age senão sob a forma *eufemizada* do capital simbólico (BOURDIEU, 2009). Contudo, essa reconversão não acontece de forma automática, ela necessita, obrigatoriamente, de um conhecimento da lógica econômica (BOURDIEU, 2009, p. 198):

[...] o capital simbólico traz tudo o que pode ser colocado sob o nome de *mesb*, isto é, a rede de aliados e relações que se tem (e que se mantém) por meio do conjunto dos engajamentos e das dívidas de honra, dos direitos e dos deveres acumulados ao longo das gerações sucessivas e que pode ser mobilizado nas circunstâncias extraordinárias. Capital econômico e capital simbólico estão tão inextricavelmente mesclados que a exibição da força mental e simbólica representada pelo aliados prestigiosos é de natureza e trazer por si benefícios materiais, em uma economia da boa-fé na qual uma boa reputação constitui a melhor e talvez a única garantia econômica.

Outra característica importante do capital simbólico é a forma como legitima o poder simbólico, que, relacionado à posição do agente, proporciona a dominação do campo:

O capital simbólico confere poder e legitimidade – poder simbólico – ao agente ou grupo que o possui, a partir de seu reconhecimento dentro de determinado campo. Essa posse também está relacionada à posição do agente dentro do campo, e se dá em relação aos demais agentes, pressupondo o “desconhecimento da violência que se exerce através dele”.

Nesse contexto, a mobilização de diferentes capitais, de diferentes formas, em diferentes volumes, em diferentes campos, constitui elemento central à distinção, tema recorrente nos estudos de Bourdieu, notadamente, em seus estudos teórico-empíricos (BOURDIEU, 1989, 1996, 2008).

5 A lógica da distinção

Essa posição dos agentes, a que se refere Bourdieu, apresenta-se dependente do volume e da estrutura do capital que detém, e dentre todos os capitais, o cultural e o econômico estabelecem os critérios mais significativos de distinção entre tais agentes.

A posição em relação ao volume de capital contrasta os agentes mais fortemente dotados de capital daqueles mais fracamente, ou seja, hierarquiza-os em alta e baixa escala social, tomando como referência a quantidade de capital acumulado.

Já em relação à estrutura do capital é significativo apontar, também, a relevância da constituição de seu volume total, na medida em que os agentes cujo capital econômico se sobrepõe ao capital cultural opõem-se àqueles com propriedades contrárias. É essa forma de distinção que permite diferenciá-los em um mesmo espaço, na dimensão social (BONNEWITZ, 2003). Como resultado, o espaço social somente pode funcionar por meio

dessa lógica de distinção, em que os agentes, tanto individuais, quanto coletivos, interiorizam a vontade de criar identidades sociais próprias que os permitam coexistir socialmente.

Bourdieu também reforça a cultura como outro importante fator de distinção. Tal definição de cultura é considerada, no sentido sociológico, como um conjunto de valores e práticas adquiridas e compartilhadas por uma pluralidade de pessoas. Ademais, salienta Bonnewitz (2003, p. 95), a adoção do termo cultura será adotado, não raro, no plural – culturas – o que “remete à noção de pluralismo cultural. Assim, no seio de uma mesma cultura, podem existir grupos que não compartilham as práticas e as representações dominantes”. Todavia, segundo Bourdieu, os membros das diferentes classes sociais se distinguem não tanto pelo grau segundo o qual reconhecem a cultura, mas pelo grau segundo o qual a conhecem.

Essa relação com a cultura é, na medida em que depende da posição do agente no espaço social, diferente de classe para classe. As classes dominantes, por exemplo, tendem a criar um poder distintivo que tem por função assegurar suas posições, por meio de uma estratégia de distinção (manutenção do status quo). Para melhor compreender essa lógica de manipulação e aplicação da lógica de distinção apresenta-se relevante retomar a questão do poder simbólico e, para tal, tratar de outro importante conceito na teoria sociológica de Bourdieu: a noção de dominação.

6 A noção de dominação em Bourdieu

Para se abordar a noção de dominação em Bourdieu, vale retornar à metáfora por ele adotada para explicar os campos sociais e, no interior dos mesmos, os jogos que se desenrolam e nos quais os jogadores estão em conflito constante, visando acumular capital que lhes permitam dominá-lo:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 2010, p. 12).

Por meio de tal metáfora, percebe-se que os agentes dominantes devem criar e construir sua reputação, fazendo com que os dominados acreditem em seus méritos. É assim que emerge o poder simbólico, o qual permite que uma classe dominante estabeleça uma cultura dominante:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2010, p. 10).

Em suma, a cultura que une (intermediário de comunicação) a classe dominante é a mesma que a separa (instrumento de distinção) dos dominados, legitimando as distinções entre as culturas (designadas como subculturas) e definindo sua distância em relação à cultura dominante.

Delineados os principais construtos teóricos propostos por Bourdieu serão apresentados, no tópico a seguir, resultados da pesquisa bibliométrica visando identificar a produção científica ancorada no arcabouço teórico desse autor, publicada nos anais de dois importantes congressos brasileiros direcionados à disseminação de estudos desenvolvidos em

nível dos programas de pós-graduação em Administração: o EnANPAD e o EnEO, no período de 2000 a 2013.

7 A adoção do arcabouço teórico de Bourdieu em estudos publicados nos anais do EnANPAD e EnEO: achados de pesquisa bibliométrica

Em termos metodológicos, a pesquisa bibliométrica vem sendo utilizada em diversas áreas do conhecimento como importante metodologia para obtenção de indicadores de avaliação da produção científica. Em geral, nos trabalhos em que se aplica análise bibliométrica se estabelecem relações entre os artigos mapeados permitindo a constituição de cadeias de referências, ampliando as análises sobre o tema (HAYASHY *et al.*, 2007).

Como resultados, a pesquisa conduzida para fins deste estudo indicou a publicação de 34 artigos utilizando o sociólogo francês como marco teórico, sendo 25 publicados nos anais do EnANPAD e 9, nos anais do EnEO, no período 2000-2013. Dentre os trabalhos publicados no EnANPAD, 4 são referentes à área temática de Marketing (MKT), 5 a Ensino e Pesquisa (EPQ), 10 a Estudos Organizacionais (EOR), 4 a Teoria das Organizações (TEO), 1 a Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (GPR) e 1 a Administração de Ciência e Tecnologia (ACT). Evidencia-se, também, distribuição irregular dos trabalhos, no tempo, com reduzido número de artigos entre 2001 e 2003, aumento do volume no período de 2004 a 2008, queda na produção entre 2009 e 2011 e crescimento do número de publicações, em 2012.

Quanto ao perfil, dos 61 autores dos 34 artigos revisados, 2% (1) têm pós-doutorado, 56% (34) doutorado e 43% (26) o título de mestre. Considerando os autores, o maior número

de artigos foi desenvolvido por Maria Ceci Araújo Misoczky (UFRGS), Suzane Strehlau (UNINOVE e ESPM) e Fernando Pontual de Souza Leão Jr. (UFPE), com 2 artigos cada. No conjunto, as instituições com maior volume de produção foram a UFPE (5) e UFLA (5), seguidas pela UNINOVE (4), FGV (4) e UFMG (3), revelando uma dispersão quanto à origem das produções, assim como evidenciando a ausência de tradição e linhas de pesquisa consolidadas envolvendo a perspectiva de Bourdieu. O Quadro 1 sintetiza os trabalhos revisados.

8 Considerações finais

Embora Bourdieu, assim como Giddens e Elias, seja considerado e reconhecido como importante teórico da agência, alterando a forma de se tratar a teoria da ação, tema que também teve grande importância em autores anteriores a eles, como Parsons e mesmo Weber (MONTAGNER, 2007), a teoria proposta por Bourdieu não tem estado imune a críticas por parte de diversos sociólogos, tais como Mendras e Touraine (BONNEWITZ, 2003) e Boudon (BOUDON e BOURRICAUD, 1993).

Para Mendras, Bourdieu ficou por demais preso à noção tradicional de estrutura social, dividida em classes em luta. Outra crítica, endereçada por Touraine, é que ele estudou a *sociedade industrial*, já coexistindo uma *sociedade pós-industrial*, com características peculiares, tanto na abordagem dos conflitos, quanto dos agentes (BONNEWITZ, 2003). Além disso, a sociologia de Bourdieu é considerada por demais estatística, a-histórica e por mais que ele tenha tentado explicar que o *habitus* conceda um certo tipo de liberdade ao agente, muitos o acusam de determinista, de desconsiderar a autonomia dos atores sociais (BOUDON; BOURRICAUD, 1993).

Resistindo a tais críticas, a perspectiva de Bourdieu tem assumido lugar de prestígio junto à comunidade científica. A sua abordagem de campo fez dele um ícone nas Ciências Sociais francesas. Sua trajetória diversa, tanto política, quanto intelectual, possibilitou ser um dos cientistas sociais mais engajados e mundialmente lidos (BONNEWITZ, 2003). Além disso, o enfoque amplo que propiciou à sociologia da educação e à sociologia da sociologia, assim como enfoque científico que proporcionou às ciências sociais, como um todo, são base de referência em diversas pesquisas e teorias contemporâneas.

Não obstante, a distribuição irregular no tempo, a dispersão nas autorias e instituições de origem das produções constantes de dois dos mais importantes congressos brasileiros, em nível de pós-graduação, sugerem a ausência de tradição, assim como de linhas de pesquisa mais consolidadas envolvendo o arcabouço teórico bourdieusiano, na área, no país. Por outro lado, suas aplicações e, notadamente, suas potencialidades no âmbito dos Estudos Organizacionais e em Administração se nos apresentam promissoras, em particular quanto a novos avanços e pesquisas, em especial aquelas de natureza mais exploratória (*exploitation research*). Exemplos disso são trabalhos empíricos identificados na pesquisa bibliométrica conduzida neste estudo, indicativos da aplicabilidade, vitalidade e contemporaneidade de conversações entre o arcabouço teórico bourdieusiano e os Estudos Organizacionais e em Administração, o que nos parece estimulante quanto à amplitude desse arcabouço, quer na inserção e análise de novos temas, quer no delineamento de novas agendas de pesquisa, quer no desbravamento de novas fronteiras para os estudos no campo.

Publicação	Ano	Título	Autores	Instituições
EnANPAD	2001	Campo de poder e ação em Bourdieu: implicações de seu uso em Estudos Organizacionais	Maria Ceci Araujo Misoczky	UFRGS
EnANPAD	2001	Formação e estruturação de campos organizacionais: um modelo para análise do campo cultural	Fernando Pontual de Souza Leão Jr.	UFPE
EnANPAD	2002	Formação e estruturação do campo organizacional dos museus da Região Metropolitana do Recife	Fernando Pontual de Souza Leão Jr.	UFPE
EnANPAD	2003	Pelo primado das relações nos Estudos Organizacionais: algumas indicações a partir de leituras enamoradas de Marx, Bourdieu e Deleuze	Maria Ceci Araujo Misoczky	UFRGS
EnANPAD	2004	Carnaval, Bourdieu e Teoria Institucional	Gustavo Madeiro da Silva e Flávia Lopes Pacheco	UFPE, FASNE
EnANPAD	2004	Redes de inovação e capital social: apontamentos conceituais	Moisés Villamil Balestro	UNB
EnEO	2004	Do lado de cá e do lado de lá: os significados da interação universidade-empresa	Elcemir Paço Cunha, Igor Senger, Carine Maria Senger e Daniel Gustavo Fleig	UFLA

EnANPAD	2005	A teoria do gosto de Bourdieu aplicada ao consumo de marcas de luxo falsificadas	Suzane Strehlau	UNINOVE ESPM
EnANPAD	2005	Desconstruindo a colonização (ops!), ou melhor, a globalização: uma análise crítica com base em Bourdieu	Michelle Helena Kovacs	UFPE
EnANPAD	2006	Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a "Nova Ciência" do Turismo	Fábio Bittencourt Meira e Mônica Birchler Vanzella Meira	FGV PUC-SP
EnANPAD	2006	Estudos críticos e pesquisa organizacional: uma proposta teórico-metodológica a partir da análise crítica do discurso e da teoria do discurso de Pierre Bourdieu	Alexandre Reis Rosa, César Tureta e Elcemir Paço-Cunha	UFLA UFJF
EnANPAD	2006	Uma delimitação do campo da Economia Social no Brasil: história, correntes e atores	Carolina Andion e Maurício Serva	UFSC PUC-PR CIRIEC
EnANPAD	2007	Alguns conceitos de Bourdieu e propostas de estudos em Marketing	Suzane Strehlau	UNINOVE ESPM

EnANPAD	2007	Por uma convivência (não tão) harmônica entre paradigmas nos estudos organizacionais	Weslei Gusmão Piau Santana e Almiralva Ferraz Gomes	UESB
EnANPAD	2007	Apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo do Marketing no Brasil	Rodrigo Bisognin Castilhos	UNISINOS
EnANPAD	2008	Qualidade de vida no trabalho & violência simbólica – duas faces de uma mesma moeda?	Lydia Maria Pinto Brito, Hadma Mass Lucena de Sena Lima, Nara Sibelly Medeiros de Paiva	UNP-Brasil
EnANPAD	2008	O fazer estratégia na gestão como prática social: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas nas organizações	Alexandre de Pádua Carrieri, Alfredo Rodrigues Leite da Silva, Gelson Silva Junquilha	UFMG UFES
EnANPAD	2008	Mulheres fardadas: reflexões sobre dominação masculina e violência simbólica na organização militar	Alexandre Reis Rosa, Mozar José de Brito	FUCAPE UFLA
EnANPAD	2008	Estratégias de valorização simbólica dos propósitos organizacionais: o caso do Crediamigo do Banco do Nordeste do Brasil	Raphael de Jesus Campos de Andrade, Rosa Cristina Lima Ribeiro, Ana Sílvia Rocha Ipiranga, Kadma Marques Rodrigues	FAMETRO UECE

EnANPAD	2008	Reconfiguração de um campo de poder: uma análise do mercado fonográfico no Brasil	Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly, Marcelo Milano Falcão Vieira	FGV
EnANPAD	2009	Violência e masculinidade nas relações de trabalho: imagens do campo em pesquisa etnográfica	Rafael Alcadipani, Maria Jose Tonelli	UNINOVE ESPM
EnANPAD	2009	Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração: uma reflexão inicial sobre os estudos do campo no Brasil	Maurício Serva, Daniel Moraes Pinheiro	CIRIEC UFSC
EnANPAD	2010	Autogestão e poder simbólico: proposições para uma agenda de pesquisa	Ariadne Scalfoni Rigo	UFBA
EnANPAD	2010	Fatores considerados para escolha de parceiros de pesquisa: uma proposta teórico-metodológica para estudos em redes colaborativas de pesquisa por meio dos capitais simbólicos de Pierre Bourdieu	Juliana Cristina Teixeira	UFMG UFLA
EnEO	2010	Relendo a VBR a partir de Bourdieu: novas perspectivas de pesquisas no campo dos Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas	José Coelho de Andrade Albino, Carlos Alberto Gonçalves, Silvana Prata Camargos	PUC-MG UFMG UFOP

EnEO	2010	A Sociologia Disposicionalista e o homem de negócios contemporâneo	Marcio Gomes de Sá	UFPE
EnANPAD	2011	A gênese da resistência criativa nas ideias de agência de Certeau e de habitus de Bourdieu	Eliane Bragança de Matos	UFMG
EnEO	2012	Habitus, capital e agência no futebol brasileiro: uma perspectiva regional	Robson Martins do Carmo, Paulo Otavio Mussi Augusto	PUC-PR
EnEO	2012	O simbólico em construções: estudando a Vila Barrageira da UHE Engenheiro Sérgio Motta à luz de Pierre Bourdieu	Elisângela Domingues Michelatto Natt, Elisa Yoshie Ichikawa	UEM
EnEO	2012	A dominação masculina nos campos profissional e pessoal: um estudo qualitativo com micro-empresárias de Manaus/AM	Afrânio Soares, Ana Flávia de Moraes Moraes, Mariana Mayumi Pereira de Souza	UFAM
EnEO	2012	Sobre a distância entre discurso e prática de ação social empresarial: uma análise da Refinaria Duque de Caxias (REDUC) a partir de Pierre Bourdieu	Celina Maria Frias Leal Martins, Rejane Prevot Nascimento	UFRR UFRG UNIGRANRIO

EnEO	2012	Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu	Anderson de Souza Sant'Anna, Fátima Bayma de Oliveira, Reed Elliot Nelson, Daniela Martins Diniz	Fundação Dom Cabral, FGV, UNINOVE, PUC-MG
EnANPAD	2013	Transpondo Bourdieu para as organizações: um convite à Sociologia Reflexiva em Estudos Organizacionais	Vanessa Brulon	FGV
EnANPAD	2013	Proposta de diálogo entre o campo de estudos sobre empresas familiares e as concepções teóricas de Pierre Bourdieu	Carolina Lescura, Mônica Carvalho Alves Cappelle, Alex Fernando Borges	UFLA, UFF, UFU

Quadro 1. Artigos publicados nos anais do ENANPAD e EnEO (2000 a 2013), utilizando o arcabouço teórico de Bourdieu.

Referências

- BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. *La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P.; ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu: sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- DEY, I. Grounding Categories: In: BRYANT, Z.; CHARMAZ, T. A. (Eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. SAGE Publications: Los Angeles, 2007.
- GLASER, B. *Sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory*. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1978.

GLASER, B. *Basics of grounded theory analysis: Emergence vs. forcing*. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1992.

GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter: New York, 1967.

GONÇALVES, N. G. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2010.

HAYASHI, M. C. P. I.; HAYASHI, C. R. M.; SILVA, M. R.; LIMA, M. Y. Um estudo bibliométrico da produção científica sobre a educação jesuítica no Brasil colonial. *Biblios (Lima)*, v. 8-27, p. 1-18, 2007.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan.-jun. 2007.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, F. B.; SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E. *Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: o caso Paraty (RJ)*. Rio de Janeiro: EBAPE/FGV, 2011.

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B. Empreendedorismo e o desenvolvimento do turismo na cidade de Tiradentes. *Revista Observatório de Inovação do Turismo*, v. VI, n. 1, 2011.

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M. Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu. In: ENEO 2012. *Anais...* Curitiba: EnEO, 2012.

VASCONCELOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação e Sociedade*, Campinas, 23 (78), p. 77-87, 2002.

WACQUANT, L. J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. *Rev. Sociol. Polit.*, n. 19, p. 95-110, nov. 2002.

Provas da existência de Deus em São Tomás de Aquino

Eduardo M. Bedoya*

* Mestre em Filosofia
do Direito pela
FDUFMG. Professor
da UEDI-UNIFEMM.
Pesquisador na área
de filosofia do direito.
Endereço eletrônico:
eduardo.bedoya@
unifemm.edu.br

Resumo

Este ensaio estuda as provas da existência de Deus em São Tomás de Aquino.

Palavras-chave: São Tomás de Aquino. Provas da existência de Deus.

Abstract

This essay studies the proofs of God's existence in Saint Thomas Aquinas.

Keywords: Saint Thomas Aquinas. Proofs of God's existence.

A filosofia, em Tomás de Aquino, cumpre a função de auxiliar a fé cristã na explicação das noções teológicas, como a questão da existência de Deus, existência cuja demonstração é possível, a partir da constatação do mundo como efeito da criação de Deus, e é necessária, por não ser a existência de Deus algo evidente, devendo, pois, ser demonstrada, dado que a cognição humana não atinge o conhecimento da essência divina.¹

Mas, não questionando a existência de Deus, a teologia precisa convencer pela demonstração racional da Sua existência.²

Assim, Aquino, afirmando a subordinação fraca – em vez da total subordinação proposta por Boaventura – da filosofia à ciência divina, estabelece como missão daquela a explicação racional das teses teológicas.³ À filosofia, na integração com a teologia, caberia conduzir à fé por argumentos racionais.⁴

Em suas demonstrações da existência de Deus, Aquino parte das ideias de Aristóteles sobre o primeiro motor imóvel e eterno que explica o movimento, e como causa final da qual decorrem as causas intermédias e as causas finais.⁵

Segundo Aristóteles, Deus é a causa e o princípio de todas as coisas, a primeira causa daquilo que existe, de onde vem o início do movimento de tudo. Como tal, é a causa eficiente que produz ordem nas coisas; em face dessa ordem, não atribuível ao acaso, faz-se necessário pressupor a existência de uma inteligência como causa do mundo e da ordem.⁶

Também a ideia da finalidade do que existe foi extraída de Aristóteles, para quem o sumo fim de uma coisa é o seu sumo bem, a que todas as coisas tenderiam; o bem como aquilo que existe por si mesmo, anterior às coisas na sua relatividade.⁷

Desse modo, Deus é definido, por Aquino, como o ser supremo que governa todas as coisas com sua providência, fazendo com que a natureza siga uma ordem e um curso estabelecidos por Ele. Mas como a existência de Deus não é evidente por si mesma, há que a demonstrar pelo uso da razão, partindo das obras nas quais Deus se revela.⁸

¹ GILSON. A filosofia na idade média, p. 658.

² CRESSON. Saint Thomas D'Aquin, p. 22.

³ STORCK. Filosofia medieval, p. 50.

⁴ NASCIMENTO. O que é filosofia medieval, p. 60.

⁵ ABBAGNANO. Dicionário de filosofia, p. 290, verbete Deus.

⁶ ARISTÓTELES. Metafísica, p. 216-218.

⁷ ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco.

⁸ TOMÁS DE AQUINO. O Credo, p. 21.

Essas provas seriam caminhos para a descoberta de Deus, como primeiro ser na ordem ontológica, a partir de um regresso do mundo empírico ao seu autor, enquanto este precede, como causa, as suas criaturas, que são seus efeitos.⁹

As provas da existência de Deus apresentadas por Tomás de Aquino são cinco: a prova do primeiro motor imóvel, a prova da primeira causa eficiente, o argumento do possível e do necessário, o argumento dos graus das qualidades nas coisas, e o argumento da finalidade das coisas.¹⁰

1.1) Primeiro motor – retomado de Aristóteles, esse argumento diz que tudo que se move é movido por outra coisa, e esta por outra, e assim até um primeiro motor imóvel que, sem ser movido por outro motor, move tudo que é movido, e esse motor primeiro eterno e imóvel é Deus.¹¹

A primeira e mais clara [via] parte do movimento. Nossos sentidos atestam que, com toda certeza, que neste mundo algumas coisas se movem. Ora, tudo que se move é movido por outro [...]. É preciso que tudo o que se move seja movido por outro. Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda. Ora, não se pode continuar até o infinito, pois neste caso não haveria um primeiro motor, por conseguinte, tampouco outros motores, pois os motores segundos só se movem pela moção do primeiro motor [...]. É então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e um tal ser, todos entendem: é Deus.¹²

1.2) Primeira causa eficiente – existe uma ordem nas coisas, e, nessa ordem, uma coisa é causa eficiente de outra, mas nenhuma coisa é causa eficiente de si própria, portanto, existe uma causa eficiente de todas as coisas, e que, não sendo causada, é causa de si mesma; essa causa eficiente de tudo é Deus.¹³

A segunda via parte da razão de causa eficiente. Encontramos nas realidades sensíveis a existência de uma ordem entre as causas eficientes; mas não se encontra, nem é possível, algo que seja a causa eficiente de si próprio: o que é impossível. Ora, tampouco é possível, entre as causas eficientes, continuar

⁹ REALE e ANTISSEI. História da filosofia, 1, p. 561

¹⁰ RUSSEL. História da filosofia ocidental, II, p. 170-171.

¹¹ BOEHNER e GILSON. História da filosofia cristã, p. 453.

¹² TOMÁS DE AQUINO. Suma teológica, p. 166.

¹³ BOEHNER e GILSON. História da filosofia cristã, p. 454.

até o infinito, porque entre todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é a causa das intermediárias e as intermediárias são a causa da última, sejam elas numerosas ou apenas uma. Por outro lado, supressa a causa, suprime-se também o efeito. Portanto, se não existisse a primeira entre as causas eficientes, não haveria a última nem a intermediária. Mas se tivéssemos de continuar até o infinito na série das causas eficientes, não haveria causa primeira; assim sendo, não haveria efeito último, nem causa eficiente intermediária, o que evidentemente é falso. Logo, é necessário afirmar uma causa eficiente primeira, a que todos chamam Deus.¹⁴

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, p. 167.

1.3) Existente necessário – como todas as coisas são contingentes, seja, podem ser e não ser, e não sendo elas em si necessárias, ou seja, não-contingentes, deve existir um ser necessário e não-contingente que é fonte da necessidade de todas as coisas:¹⁵

¹⁵ BOEHNER e GILSON. *História da filosofia cristã*, p. 455; RUSSEL. *História da filosofia ocidental*, II, p. 170.

A terceira via é tomada do possível e do necessário. Ei-la. Encontramos entre as coisas, as que podem ser ou não ser, uma vez que algumas se encontram que nascem e perecem. Consequentemente, podem ser e não ser. Mas é impossível ser para sempre o que é de tal natureza, pois o que pode não ser não é em algum momento. Se tudo pode não ser, houve um momento em que nada havia. Ora, se isso é verdadeiro, ainda agora nada existiria; pois o que não é só passa a ser por intermédio de algo que já é. Por conseguinte, se não houve ente algum, foi impossível que algo começasse a ser; logo, hoje, nada existiria; o que é falso. Assim, nem todos os entes são possíveis, mas é preciso que algo seja necessário entre as coisas. Ora, tudo o que é necessário tem, ou não, a causa de sua necessidade de um outro. Aqui também não é possível continuar até o infinito na série das coisas que têm uma causa da própria necessidade, assim como entre as causas eficientes, como se provou. Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade, mas que é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus.¹⁶

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, p. 167.

1.4) Os graus do ser – nas coisas há qualidades em graus distintos do menos ao mais; as coisas participam das qualidades de outras acima delas, e daí até o sumamente

máximo das qualidades do ser em um sumo ser, e esse ser dá o ser às coisas, por participação do ser destas no ser daquele; esse ser é Deus, causa do ser de tudo que existe:

A quarta via se toma dos graus que se encontram nas coisas. Encontra-se nas coisas algo mais ou menos bom, mais ou menos verdadeiro, mais ou menos nobre, etc. [...] Existe em grau supremo algo verdadeiro, bom, nobre e, consequentemente, o ente em grau supremo, pois [...] o que é em sumo grau verdadeiro, é ente em sumo grau. Por outro lado, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero, é causa de tudo o que desse gênero [...]. Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda a perfeição: nós o chamamos Deus.¹⁷

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, p. 168.

1.5) O governador supremo das coisas – as coisas que existem, existem para um fim; como as coisas não conhecem esse seu fim último, procuram-no graças à direção de um ser que, sendo fim para todas as coisas, ordenou-as ao seu fim, por sua vontade, e esse ser, fora de todas as coisas, e que é o sumo fim de todas as coisas, é Deus:¹⁸

¹⁸ RUSSEL. *História da filosofia ocidental*, II, p. 170-171.

A quinta via é tomada do governo de todas as coisas. Com efeito, vemos que algumas coisas que carecem de conhecimento, como os corpos físicos, agem em vista de um fim, o que se manifesta pelo fato de que, sempre ou na maioria das vezes, agem da mesma maneira, a fim de alcançarem o que é ótimo. Fica claro que não é por acaso, mas em virtude de uma intenção, que alcançam o fim. Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente [...]. Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus.¹⁹

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, p. 168-169.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*: Livros I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).
- BOEHNER, Philotheus e GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. Raimundo Vier. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- CRESSON, André. *Saint Thomas D'Aquin: sa vie, son oeuvre*. 2. édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.
- GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur. *O que é filosofia medieval*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros passos, 261).
- REALE, Giovanni e ANTISSEI, Dario. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia ocidental: a filosofia católica*. Trad. Brenno Silveira. 3. ed. Companhia Editora Nacional, 1969. v. 2.
- STORK, Alfredo Carlos. *Filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- TOMÁS DE AQUINO, São. *O Credo*. Trad. Armino Trevisan. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- TOMÁS DE AQUINO, São. *Suma teológica*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2001.

Resumo

A proposta deste artigo é discutir e problematizar a construção do corpo a partir de três eixos centrais, abrangendo os corpos e as sexualidades, as marcas que atravessam esses corpos e as suas possibilidades de existência. Escrevo sobre o corpo e as sexualidades influenciado pelos estudos da perspectiva pós-estruturalista e da teoria *queer*, que me convidam a problematizar as normas e os binarismos que rondam, inquietam, passam e provocam a (des) construção, fabricação e transformação de nossos corpos. Por fim, trago a provocação de experimentação e vivência da multiplicidade como forma de vida possível, enfatizando que, nessa multiplicidade, corpos são criados, fabricados, (re)construídos, marcados, atravessados e vividos.

Palavras-chave: Corpos. Educação. Marcas. Sexualidades.

Abstract

The purpose of this article is to discuss and problematize the construction of the body from three central pillars covering the bodies and sexualities, brands that cross these bodies and their possibilities of existence. I write about the body and sexuality studies perspective influenced by post-structuralist and queer theory, I invite you to discuss the rules and binaries lurking, disturb, provoke and pass the (de) construction, manufacturing and processing of our bodies. Finally bring the provocation of experimentation and experience of multiplicity as a way of life possible, emphasizing that this multiplicity bodies are created, manufactured, (re)constructed, marked, traversed and experienced.

Keywords: Bodies. Education. Brands. Sexualities.

1 Introdução

¹ Versão virtual do Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2012).

Corpo, pequena palavra com muitos significados. O dicionário¹ descreve o corpo como sendo tudo o que tem extensão e forma; a estrutura física do homem ou animal; cadáver humano, dentre outras denominações, sempre fazendo referência ao corpo biológico. Mas será que o corpo é só carne? A proposta deste artigo é discutir e problematizar a construção do corpo a partir de três eixos centrais, abrangendo os corpos e as sexualidades, as marcas que atravessam esses corpos e as suas possibilidades de existência. Penso que esses eixos estão relacionados no sentido de que a cultura mostra-se presente na constituição dos corpos e dos sujeitos, produzindo sexualidades que são marcadas por relações de forças que, sobretudo, manifestam-se nesses corpos.

A princípio, discuto os corpos e as sexualidades enfatizando as identidades e suas múltiplas possibilidades na construção de outras formas de viver o corpo e as contribuições da teoria *queer* para os estudos das sexualidades, pensando essas sexualidades como identidades movediças, que embaralham e despertam diferentes e possíveis vivências do prazer frente ao corpo. Sigo problematizando os corpos marcados pelas relações que os atravessam e os desdobramentos dessas marcas para os sujeitos, relacionando-as às questões de gênero e sexualidade na fabricação dos corpos. Por fim, trago algumas considerações destacando a estética como potente estratégia de investimento em outras formas possíveis de vida e de nos relacionarmos com nossos corpos.

2 Corpos e sexualidades

Curiosidade, estranhamento, aversão, fobia, estereótipos... Tantos sentimentos no entorno de um corpo: o corpo que vivencia certas sexualidades que extrapolam as barreiras da heterossexualidade. Penso que não dá para falar do corpo e sexualidade no singular, mas somente no plural, pois as sexualidades são vivenciadas de múltiplas formas. O que esses corpos carregam de diferente? Não seriam apenas mais corpos no meio de tantos outros?

As sexualidades se constituem como objeto de conhecimento e, por consequência, inscritas nos corpos. Já há algum tempo esses corpos são alvo de investigações e, a partir do século XVIII, as sexualidades desviantes, que fogem da desejada norma heterossexual, tornaram-se interesse de estudo para a medicina, surgindo a necessidade de caracterização das diferenças, ou seja, um mecanismo de poder que dirigiria atenção aos desvios dos preceitos religiosos e heterossexuais. Foucault traz contribuições relevantes quando diz que, no século XIX, o sujeito homossexual torna-se uma personagem: “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (FOUCAULT, 1988, p. 50).

Desde o século XVIII o corpo vem sendo disciplinado, atravessado por marcas e discursos, imerso em relações de poder. O sujeito nasce e já carrega a responsabilidade do papel que deve desempenhar na sociedade como homem ou mulher. Ao atribuir a alguém características ditas masculinas ou femininas, discretamente, atribuímos também a forma desse sujeito comportar-se perante a sociedade e as hierarquias são estabelecidas entre os gêneros. Quanto a sua sexualidade, é esperado que se enquadre na matriz

heterossexual e se reproduza. E quando o corpo transgride essas normas e estabelece outras maneiras de se colocar perante a sociedade?

Construímos nossas identidades com nossas histórias de vida e essas identidades atravessam os corpos. As identidades não são fixas, elas são mutáveis, em constantes processos de transformação que refletem nos corpos, nos modos de ver e viver em sociedade. As identidades são fabricadas e essa fabricação está intimamente ligada à marcação das diferenças. Pensando com Woodward:

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, 2009, p. 39-40).

As identidades nos conduzem em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001). A diferença pode ser significada pela marginalização do outro, mas, ao mesmo tempo, são destacadas e valorizadas a heterogeneidade e a multiplicidade presentes nela. A diferença convida ao contato e à transformação, ela nos convida a descobrir e encarar o outro como parte da constituição de nós mesmos. Discursos sugerem corpos que devem e que não devem ser reproduzidos na sociedade, estabelecendo uma norma a ser reproduzida e o corpo que foge dessa norma é classificado como “desviante”. Silva observa que:

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar

significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. (SILVA, 2009, p. 83).

Ao mencionar uma “identidade normal”, caio num sistema de classificação constituído por significados. Os significados são produzidos tendo em vista as formas de ordenação e organização das coisas de acordo com os sistemas classificatórios. Toda cultura possui suas próprias e diferentes maneiras de classificar o mundo. É por meio dos sistemas classificatórios que é possível atribuir sentidos e significados à convivência em sociedade. Os lugares que assumimos e os nossos posicionamentos constituem nossas identidades, estando em conjunto mutuamente.

A identificação é tida como um processo de articulação, que opera por meio da diferença, envolvendo um trabalho discursivo e a marcação de fronteiras que atingem os corpos. É necessariamente porque as identidades são construídas a partir de práticas discursivas que precisamos entendê-las como produtos institucionais e históricos, constituídas ao longo dos tempos, estabelecendo uma íntima relação no interior dos jogos de poder e exclusão. Hall (2009, p.121) lembra que “o corpo é construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares”. Essas práticas muitas vezes se encarregam de reproduzir atos normativos regulatórios, cerceando o corpo de autonomia, criando regimes de verdade e a produção de corpos submissos a processos normalizadores. Porém, é importante destacar que os corpos também escapam e podem resistir aos processos que os disciplinam.

O corpo passa por transformações e é readequado de acordo com as identidades vivenciadas pelo sujeito que o habita, como, por exemplo, as travestis e transexuais, que transgridem o que é imposto pela anatomia e buscam satisfazer-se criando um novo corpo, um corpo-lugar onde é descoberta a satisfação de encarnar e refletir uma identidade por meio da autonomia

corpo-sexual. Os ursos e as *barbies* também são exemplos de fabricação de corpos. Os ursos tendem a ser gordos, ter o corpo peludo e barba, além de desdenharem outros homossexuais tidos como afeminados, pois dão muita importância à aparência masculina em seus corpos. Já as *barbies* são caracterizadas pela exposição de seus corpos malhados e isentos de pelos. Ambas identidades possuem seus códigos, maneiras de os sujeitos se reconhecerem enquanto pertencentes àquele grupo. Atitudes como essa são dotadas de significados, expressam a liberdade sobre o corpo e sobre si mesmo, retratam a resistência ao estabelecer a quebra de padrões e criação da possibilidade desse corpo falar e se relacionar com o outro. Tais construções de corpos remetem a uma estética da existência como forma de sujeição.

“Esse modo de sujeição está caracterizado pelo ideal de ter uma vida bela e deixar a memória de uma existência bela. [...] A estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder.” (CASTRO, 2009, p. 150-151).

Os lugares e os espaços que esses corpos se reúnem são marcados, classificados e são tidos como locais de liberdade e realização, onde seus corpos podem expressar suas vontades sem medos, pudores ou repreensão, lembrando aquilo que Foucault (2010) chamaria de heterotopia². Lugares e espaços que estabelecem normas que interferem no corpo. Mas mesmo esses lugares são alvo de subdivisões criadas pelas diferentes sexualidades. Cito, por exemplo, a dicotomia zona sul e norte (subúrbio) na sociedade carioca em um estudo realizado por Ferrari (1998). Em sua pesquisa de especialização, ele vivenciou essas realidades, frequentando duas distintas boates gays da cidade do Rio de Janeiro:

[...] após algumas conversas com os homossexuais, percebi que entre eles cristalizou-se a ideia de que o Boêmio é uma casa popular, frequentada por “suburbanos” e que oferece menos segurança; e a Le Boy, o seu inverso, uma casa requintada, frequentada por pessoas que normalmente moram na zona sul e que oferece maior segurança e conforto. As duas

² Foucault (2010) chama de heterotopia os contra-espacos, lugares reais fora de todos os lugares que funcionam em condições não hegemônicas, como cemitérios, prostíbulos, manicômios, museus e guetos.

casas fazem parte do mundo gay carioca e são talvez as mais conhecidas, as mais comentadas e as mais desvalorizadas ou valorizadas pelos homossexuais, dependendo de onde freqüentam. (FERRARI, 1998, p. 8-9).

O trecho acima me leva a pensar: é o local que atribui lugar ao corpo ou o seu inverso? Acho que não é a questão tentar responder isso, mas entender como uma relação, em que os sujeitos têm a oportunidade de se identificarem ou não com os demais corpos e “tribos” de um determinado espaço.

O corpo é vulnerável. Ele é exposto e visto. Sendo assim, está sujeito a admiração, desejo, ódio e agressão. Nem todo corpo é agradável aos múltiplos olhares. Ele pode causar incômodo e estranhamento, gerando, em último caso, crimes de ódio como a homofobia³. Esses crimes têm sido inseridos cada vez com mais frequência em nosso cotidiano, que se caracteriza por reconhecer apenas a união homem/mulher, banindo todas as demais manifestações afetivo-sexuais, estabelecendo uma norma a ser reproduzida e criando uma “ditadura do sexo”. As pessoas também aprendem sobre sexualidade ouvindo injúrias com relação a si próprias ou com relação aos outros. Miskolci (2012, p. 33) lembra que “daí ser simplista resumir essas violências no termo ‘homofobia’, à violência dirigida a homossexuais, pois essas violências se dirigem a todos e a todas, apenas em graus diferentes”. Há uma relação de investimento nos corpos, em que o apontamento de uma classificação, como, por exemplo, a homossexualidade, marca e subjetiva o sujeito apontado, tirando-o do lugar e levando-o a pensar sobre sua sexualidade.

Os sujeitos que vivenciam as sexualidades que se distanciam da heterossexualidade ainda são vítimas de preconceito e perseguição. O silêncio perante a nomeação e o reconhecimento dessas sexualidades assume-se como arma, na tentativa de esquivar do trato com as multiplicidades sexuais. Ferrari (2011) discute esse silêncio a partir da palavra homossexual:

³ A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico (BORRILLO, 2010, p. 34).

Silenciada durante muito tempo, a palavra homossexual parece sempre ofensiva. Ela parece levar com ela o contexto que a originou, gerando certo medo. Silenciar diante de tal palavra e sua perspectiva histórica e de construção é mais do que negar a existência de sujeitos e desejos, mas é negar a possibilidade de reavaliação da sua construção pelos sujeitos envolvidos nessa situação. (FERRARI, 2011, p. 100).

E os corpos que embaralham as identidades, rótulo ou qualquer tipo de classificação? A teoria *queer* vem ao encontro desses sujeitos que vivem nas fronteiras dos sexos. Miskolci (2012, p. 27) explica que “a teoria *queer* critica o regime de verdade normal-anormal, criticando a luta política baseada nos regimes de normalização, com perspectiva na diferença e a concepção de poder instaurada na disciplina/controle”. Esses corpos reconhecem as identidades como sendo fluidas, permanentemente abertas e passíveis de contestação, assumindo nas diferenças a oportunidade de construção cultural por meio do acolhimento da diversidade. A teoria *queer* acredita que a homossexualidade, principalmente a homossexualidade centrada no homossexual masculino, reforça o binarismo hetero/homo, dando continuidade ao atual regime sexual.

A teoria *queer* vem contribuir com o pensamento acerca da “sexualização de corpos, desejos, ações, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (SEIDMAN, 1996, p. 13), provocando uma nova maneira de pensar a sexualidade, com um olhar desprendido de normas e padrões, passível da liberdade de vivência e gozo das múltiplas formas de se relacionar com o próprio corpo e com outros corpos.

A sexualidade não é somente uma característica natural humana, mas uma categoria constituída de uma experiência que tem origens biológicas, históricas, sociais e culturais. A teoria *queer* vem problematizar a oposição entre corpos heterossexuais e homossexuais, examinando as maneiras pelas quais essa oposição modela hierarquias morais, políticas e biopolíticas de saber e poder. Pensando com Spargo (2006,

p. 63), “a teoria *queer* está presa a um duplo movimento de contestar e produzir saber, de desafiar normas enquanto encara um possível futuro como uma ortodoxia paradoxal”.

A heterossexualidade normativa se sustenta a partir de uma homossexualidade estigmatizada. A teoria *queer* nos provoca a ir além da “sopa de letrinhas” e do termo LGBT⁴, um termo que não contempla os sujeitos que não se enquadram no modelo heterossexual e que não se identificam com nenhuma dessas letras e rótulos. A ver o *queer* como uma multiplicidade de possibilidades e o corpo *queer* ocupando um posicionamento que rompe as fronteiras em relação ao normal, ao legítimo e ao dominante. Miskolci (2012, p. 44) destaca que “um olhar *queer* é um olhar insubordinado. É uma perspectiva menos afeita de poder, ao dominante, ao hegemônico, e mais comprometida com os sem poder, dominados, ou melhor, subalternizados”. É um olhar pelas diferenças, com ligação à ideia do reconhecimento e transformação nas relações de poder e do lugar que os corpos *queer* ocupam nelas.

Como pensar a construção do *queer* para a Educação e educação dos sujeitos? Como romper os binarismos e trabalhar as sexualidades e suas possibilidades? Como inserir o pensamento *queer* em um espaço como a escola, que é fortemente disciplinar e normalizador?

Na tentativa de ensaiar algumas respostas a essas questões, creio que seja necessário ir além do regime de poder-saber baseado na oposição entre homossexualidade/heterossexualidade, e buscar problematizar as atitudes, estratégias e procedimentos trazidos pela teoria *queer*. Essa teoria nos provoca a pensar nas fronteiras, na fluidez, na provisoriedade e na pluralidade das identidades sexuais e de gênero, mas também nos oferece novas formas de nos relacionarmos com o conhecimento, a cultura, as relações de poder e a educação. Assim como o feminismo, a teoria *queer*:

⁴ Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros.

efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também “diferente”) e não straight (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. [...] O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (SILVA, 2000, citado por LOURO, 2008, p. 48).

Trabalhar na perspectiva *queer* abrange o envolvimento na promoção dos processos de construção das diferenças, destacando a instabilidade e a multiplicidade em que as identidades encontram-se inseridas. O fato de colocar as formas como o outro é constituído em discurso nos leva a pensar nas nossas relações com esse outro. Dessa forma, a diferença deixa de ser alheia e exterior ao sujeito, passando a ser compreendida como parte da sua existência. “A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito” (LOURO, 2008, p. 48). Assim,

as diferenças têm o potencial de modificar hierarquias, colocar em diálogo os subalternizados com o hegemônico, de forma, quiçá, a mudar a ordem hegemônica, a mudar a nós mesmos. A diferença nos convida ao contato e à transformação; ela nos convida a descobrir o Outro como uma parte de nós mesmos. (MISKOLCI, 2012, p. 49).

Diante dessas questões, talvez não seja suficiente, no campo educacional, denunciar apenas a abjeção às sexualidades que se distanciam da heterossexualidade. Um caminho possível de ser trabalhado passa pela discussão dos processos que classificam os sujeitos em normais e anormais, evidenciando os constantes investimentos em reiterar a regulação da sexualidade e consequentemente a garantia de uma identidade sexual legítima.

Um pensamento *queer* nos conduz a colocar em questão os enquadramentos e as classificações que pretendem restringir e ditar as formas de ser e viver. Encaminha à reconstrução e reinvenção da prática pedagógica. Não busca respostas ou soluções. Coloca o conhecimento como uma questão interminável. Nesse sentido, a “dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva” (LOURO, 2008, p. 52), incitando a elaboração de novos questionamentos e novos posicionamentos a partir de um outro lugar. Longe de desejar um modelo ideal de sujeito, a pedagogia *queer* investe no incompleto, no sujeito que está a todo momento se desconstruindo, reconstruindo e produzindo, em um processo que não cessa.

Pensar *queer* me encaminha a problematizar os discursos normativos que atuam para constituir os corpos, como as normas são reproduzidas e alteradas, como instituem a normalidade/anormalidade e a inteligibilidade/ininteligibilidade desses corpos. Enfim, “a teoria *queer* é, ao mesmo tempo, perturbadora, estranha e fascinante. Por tudo isso, ela parece arriscada. E talvez seja mesmo... mas, seguramente, ela também faz pensar.” (LOURO, 2008, p. 53).

3 Corpos marcados

Falamos em marcas nos corpos. O que essas marcas dizem? Marcas que atravessam e assujeitam? Marcas de poder e disciplinarização? O que essas marcas imprimem no olhar do outro sobre meu corpo?

As marcas constroem, tiram os sujeitos do lugar e também dão lugares a eles. Modificam as formas de relação consigo mesmo e permitem ao sujeito transformar seu próprio ser (CASTRO, 2009). A posição de um sujeito numa dada cultura é identificada em seu corpo. O corpo diz de

onde o sujeito fala e o classifica, por meio da exposição de suas características biológicas como a cor da pele, dos olhos e cabelos, e características culturais, como o uso de determinadas vestimentas, adornos e a religião.

A divisão masculino/feminino traz contribuições no sentido de analisarmos que as identidades de gênero e sexuais não podem ser generalizáveis em todas as culturas, pois elas estabelecem múltiplas e peculiares relações com os constituintes dessa cultura, atribuindo valores, sentidos e significados únicos daquele lugar. A teoria *queer* problematiza e critica essa divisão, em que os gêneros e as identidades socialmente prescritas são formas de disciplinamento social, de controle e normalização. Ao estabelecer que o gênero masculino é dotado de força, inteligência e vitalidade e o gênero feminino é frágil, doce e maternal, relato o que a cultura branca, ocidental e heterossexual supõe a cada gênero, porém não posso estabelecer e pensar que em todos os lugares esse pensamento é válido. As concepções de masculino/feminino são transitórias, são investimentos, enfrentam divergências e se chocam a todo o momento com as modificações históricas e culturais.

Essa binaridade é natural? A ordem estabelecida não é natural, nem incontestável. Ela é subvertida, desviada e engendra por outros caminhos. O corpo é sempre nomeado, marcado e reconhecido na cultura. A binaridade dos gêneros, masculino/feminino, está intimamente ligada à cultura, ou seja, nascemos homens e mulheres com papéis definidos a serem desempenhados. A descontinuidade dos papéis de gênero desloca aqueles que ousam transgredir e subverter a norma “ao terreno do incompreensível ou do patológico” (LOURO, 2008, p. 82). Algumas instituições como a família, a escola e a igreja reforçam o controle e trabalham com estratégias regulatórias sobre as sexualidades dos corpos. Os sujeitos que escapam dessa regulação, muitas vezes, ficam expostos a alegações classificatórias, pois atravessaram os limites dos

gêneros e “ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos” (LOURO, 2008, p. 82).

Apesar de todos os cuidados e vigilância, os corpos continuamente se transformam, em processos de resistência e liberdade perante a normatização. A anatomia muda ao longo dos tempos, as marcas atravessam e adornam os sujeitos, corpos são refeitos, manipulados, coisificados, negados e afirmados num processo de constantes inquietações rodeadas pelos jogos de poder. Gênero e sexualidade também desfrutam do prazer da provisoriedade de suas construções, estabelecendo no corpo elementos de mudança e muitas vezes de rompimento com a norma. Analisando com Louro:

É no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprio sujeito e pelos outros. É pouco relevante definir quem tem a iniciativa dessa “marcação” ou quais suas intenções, o que importa é examinar como ocorrem esses processos e seus efeitos. (LOURO, 2008, p. 83).

As marcações no corpo podem ser simbólicas ou físicas. Elas dizem do lugar do sujeito, seja pelo uso de uma aliança, de uma burca, uma tatuagem, um corpo “malhado”, um corte de cabelo... Marcas que acolhem, toleram ou rejeitam. Sinais de direitos, privilégios ou exclusão.

Quando falo de corpos marcados e criados, lembro-me das *drag queens* que, em seus camarins, submetem seus corpos a processos de transformação, assumindo naquele momento outra identidade e incorporando uma personagem. É interessante destacar os cuidados no processo de “montagem” da *drag queen*, que perpassa por dolorosas e prazerosas depilações, escolha das vestimentas, calçados plataforma, ocultação do pênis, maquiagem pesada e, claro, muita purpurina para se realizar em seu show. Na dissertação de mestrado de Anna Paula Vencato, durante sua pesquisa de campo, uma *drag*

queen surpreende ao falar sobre o corpo: “Corpo? Corpo se fabrica... Eu não fabriquei um agora?” (VENCATO, 2002, p. 46). É interessante nesse relato a autonomia, liberdade e poder sobre o corpo que a drag queen deixa transparecer com essa afirmação. Ela brinca com o exagero na maquiagem e nos traços atribuídos ao feminino, transformando sua atuação numa paródia do gênero por meio da subversão da norma da matriz heterossexual. Assim como nós lançamos mão de estratégias para mostrar quem somos, a *drag queen* também se apresenta, caricaturando o feminino, utilizando os códigos que marcam esse gênero e indo além dos limites dos sexos.

Ela confunde, extrapola as fronteiras, instaura dúvidas e por isso é comemorada, admirada e ovacionada. Mas também é penalizada por extrapolar as fronteiras do sexo, torna-se um sujeito desviante, que ousou demais. “Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades” (LOURO, 2008, p. 86). É classificada e tratada como minoria. A criação do seu corpo não é valorizada pela norma, ao contrário, técnicas de recuperação entram em cena, o seu corpo é tido como doente e precisa ser tratado, medicado. A aparição da *drag queen* entra em choque com regime dominante de sexualidade, o heterossexual.

Os corpos de sexualidades não heteronormativas ainda são privados de direitos. Embora haja aqueles que tenham conseguido superar as exclusões, a questão que considero fundamental é o quanto esse corpo “estranho” incomoda e o quanto esse incômodo é algo que ainda está profundamente enraizado nos sujeitos. A diferença, como sendo algo exógeno ao sujeito, é transformada em material de menor valor, sendo priorizada aquilo que ele é, ou seja, sua identidade. Nesse sentido, os corpos “diferentes” ficam em segundo plano, e quanto mais excêntricas as marcas desses corpos, maior a

exclusão e o não reconhecimento. A multiplicidade de corpos e as diversas formas de viver que esses corpos assumem enfrentam continuamente resistência aos diferentes modos de vida que eles possam assumir. Essa resistência encontra-se estreitamente articulada com o sistema político-religioso no qual estamos mergulhados, em que a compreensão da pluralidade perpassa a desconstrução histórica do que vem a ser homem/mulher e os papéis desempenhados por cada um, dando a oportunidade do surgimento das rupturas de binarismos que ferem, marcam e principalmente escravizam.

4 O que pode um corpo?

No decorrer deste artigo, o corpo foi protagonista de uma série de problematizações acerca das relações que o cerca, sobretudo o poder e as sexualidades. Penso que os corpos hoje agem com certa liberdade para romperem as fronteiras morais vigentes, levando os sujeitos a se transformarem, estilizando a sua existência.

A autonomia sobre o corpo permite que o sujeito reconheça que os prazeres estão sempre abertos a redefinições e reconstruções. Nesse sentido, as relações de poder atuam nos processos de fabricação de nossos corpos, sexualidades, prazeres e subjetividades. Essas subjetividades recebem o complemento da intersubjetividade como forma de governo de si e de seu corpo conectadas com as relações estabelecidas com o outro. Nesse sentido, a fala desempenha um papel de destaque, pois o ato de falar pressupõe um ouvir e compreender, num processo em que, ao ouvir o outro, acabo me constituindo junto a ele a partir de sua fala. Ortega (1999, p. 126) nos lembra que “a constituição do indivíduo como sujeito ético efetua-se só por meio de relações complexas com o outro (cujo estatuto e formas

são diferentes segundo a época). O outro é indispensável na cultura de si”, ou seja, o outro está sempre presente na origem da nossa constituição estética. Estética como investimento em outras formas de vida. Ao compartilharmos práticas com o outro, somos remetidos ao contexto intersubjetivo que nos proporciona esse encontro com ele, pensando que a experiência também surge de um mundo compartilhado.

Nesse compartilhamento, creio que um dos objetivos seja fazer do corpo um lugar de produção de prazeres. Um corpo que é produto de um poder disciplinar e de uma biopolítica que o atravessa e o constitui. O sujeito pode mergulhar em uma pluralidade de campos; ele será o arquiteto de uma rede, o iniciador de suas relações sociais em um universo construído por ele mesmo (ORTEGA, 1999).

Penso que o importante é o modo como se vive, investindo numa existência cheia de possibilidades, em que experimentar a multiplicidade torna-se uma forma de vida possível. E nessa multiplicidade corpos são criados, fabricados, construídos, reconstruídos, marcados, atravessados e vividos. Os sujeitos não se cansam e não param de construir a si mesmos.

Referências

- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORPO. In: DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2012. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=corpo>> Acesso em: 03/07/2012.
- FERRARI, Anderson. “*Nem cabeleireiro, nem enrustido*”: *Estudo sobre a construção da identidade homossexual*. 1998. 143 f. Monografia (Especialização em Sociologia Urbana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERRARI, Anderson. *Silêncio e silenciamento: em torno das homossexualidades masculinas*. In: FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco (Org.). *Silêncios e Educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, p. 91-111.
- FOUCAULT, Michel. *El cuerpo utópico; Las heterotopias*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-133.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 75-90.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

VENCATO, Anna Paula. "*Fervendo com as drags*": corpora-
lidades e performances de drag queens em territórios gays da
Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropo-
logia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

SEIDMAN, Steven. *Queer theory: sociology*. Oxford: Bla-
ckwell, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e
da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade
e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Pe-
trópolis, RJ: Vozes, 2009, p.73-102.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro:
Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma intro-
dução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).
Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.
9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.

Como ganhar o voto em 30 segundos? Proposta para o estudo de estratégias de persuasão por meio da utilização de *spots* em campanhas majoritárias

Daniela Paiva*

* Doutora em Ciência
Política pela UFMG.
Professora do
UNI-BH. E-mail:
paivadaniela@
hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta taxonômica que permita identificar os tipos de estratégias de persuasão utilizadas nas propagandas eleitorais, mais especificamente nos *spots* – inserções que variam entre 15 e 60 segundos de duração – divulgados durante a programação televisiva normal. Além disso, pretende avaliar a aplicabilidade da proposta, analisando os *spots* eleitorais da campanha presidencial de 2006 do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Palavras-chave: eleições, *spots*, estratégias.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta tipológica que permita identificar los tipos de estrategias de persuasión empleadas en las propagandas electorales, más específicamente en los *spots* – inserciones de entre 15 y 60 segundos – divulgados durante la programación televisiva normal. Además, se buscará evaluar la aplicabilidad de la misma analizando los *spots* electorales de la campaña presidencial de 2006, del Partido de los Trabajadores (PT) y del Partido de la Social Democracia Brasileña (PSDB), en Brasil.

Keywords: elecciones, *spots*, estrategias.

1 Introdução

O objetivo central de uma campanha eleitoral é convencer o eleitor a votar em determinado candidato/partido. Para tanto, a principal ferramenta utilizada pelos políticos na atualidade é a propaganda televisiva. Nela, são narradas histórias em que se apresentam propostas e se definem ou redefinem a imagem do candidato (Johnston; Kaid, 2002).

A propaganda eleitoral não apresenta tempo nem formato específicos que sejam padrão em todos os países, entretanto, o *spot*,¹ modelo mais comum nos Estados Unidos desde a década de 1970, vem ganhando espaço nas campanhas mundiais. Seu êxito e assimilação, segundo especialistas em *marketing*, se devem, especialmente, à curta duração (em geral, variam de 15 a 60 segundos), o que permite sua divulgação durante os intervalos comerciais da programação televisiva normal. Outra característica que o aproxima da publicidade comercial e contribui para a obtenção do voto é o estilo comunicativo baseado no apelo emocional (ALBUQUERQUE, 1999).

O presente trabalho procura reconstruir e identificar as estratégias de persuasão utilizadas nesse formato de propaganda televisiva, estabelecendo, assim, uma tipologia de estratégias. Para tanto, divide-se em duas partes. A primeira consiste em um esforço analítico que, baseado na abordagem da Escolha Racional, debate o cálculo efetuado pelos atores políticos (partidos e candidatos) ao adotar sua estratégia para a campanha televisiva.

Na segunda parte, aplica-se a classificação estabelecida para a propaganda eleitoral presidencial, divulgada na televisão, em 2006, no Brasil. Mais especificamente, este artigo se concentra no estudo dos *spots*² das alianças encabeçadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que obtiveram os melhores resultados no primeiro turno. A análise consiste em identificar e relacionar determinado conjunto de elementos (verbais e

¹ “Os spots eleitorais são mensagens políticas televisivas da campanha, eminentemente persuasivas, construídas pelos próprios partidos e não mediadas pelos meios de comunicação” (SÁDABA GARRAZA, 2003, p.166). Tradução da autora, assim como as demais traduções de citação.

² No Brasil, o spot foi introduzido nas eleições municipais de 1996, ampliando o tempo destinado à propaganda política ao somar sua transmissão ao Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE).

iconográficos), presente nos *spots*, a cada uma das estratégias de persuasão apresentada no primeiro turno.

2 O jogo televisionado

A Escolha Racional, como o próprio nome sugere, parte do pressuposto de que os atores (“jogadores”) são racionais. Eles avaliam, de acordo com a hierarquia de suas preferências, qual é a melhor estratégia disponível para alcançar determinado resultado. O cálculo implica aceitar a relação de interdependência entre os atores que selecionam suas ações, tentando antecipar o movimento dos oponentes, sabendo, de antemão, que eles farão o mesmo. Aplicado à campanha eleitoral, esse pressuposto assegura que partidos e candidatos atuem estrategicamente e, portanto, racionalmente para alcançar o resultado desejado: ganhar o poder ou nele se manter (êxito eleitoral).

Nas sociedades democráticas, as eleições são vivenciadas mais como uma disputa entre estratégias, transformadas em atrativas por meio de técnicas sofisticadas, do que como uma contenda entre projetos de como organizar melhor a sociedade. Neste sentido, o discurso eleitoral seria um reflexo da dinâmica política cotidiana, processada dentro das instituições do Estado moderno. Seus “jogadores”, entretanto, precisam ser legitimados e, no momento eleitoral, é a população “leiga” que detém a prerrogativa de eleger seus representantes. Para tanto, necessita de elementos para fazer sua escolha.

A propaganda televisiva é central na promoção de informações, ainda que seletivas, cujo propósito é convencer. Essa meta é (re)conhecida pelo eleitor, que tem a opção de eleger aquele ator ou proposta que mais lhe convier. O eleitor, ainda que possa ter preferências estabelecidas sobre os resultados esperados de um governo, não apresenta uma ideia clara sobre

a forma mais eficaz de alcançá-los. Portanto, ele se encontra sujeito a persuasão no que se refere à escolha do melhor caminho em direção aos benefícios almejados (Downs, 2002, p. 108).

Em outras palavras, como um ato premeditado de comunicação, a campanha proporciona ao eleitor a informação que o partido/candidato e/ou o consultor consideram eficaz para persuadi-lo. A persuasão é aqui entendida como um fenômeno de comunicação intencionada, que objetiva influir nas atitudes e condutas das pessoas dotadas de livre opção (MARTÍN Salgado, 2002). No cenário eleitoral isso se traduz na busca pela conquista (atuar sobre os indecisos), pelo reforço (fazer com que os eleitores fiéis se mantenham fiéis) ou pela mudança (converter o voto desfavorável em favorável) do voto em um candidato ou partido. Quanto mais incertos sobre seu voto, mais abertos à persuasão, o que leva muitas campanhas a insistirem em estratégias que visem a atingir os indecisos.

O papel dos atores políticos e dos profissionais de *marketing* é convencer o cidadão de que seu candidato é o ideal para atender as demandas atuais ou, pelo menos, é o mais adequado se comparado aos demais. Na tentativa de persuadir o eleitor se estabelece um plano de ação e se definem técnicas de comunicação (provenientes, muitas vezes, do *marketing*) para colocá-lo em prática, ou seja, criam-se estratégias. A questão central, aqui, é analisar a lógica de aplicar uma estratégia e não outra em determinada campanha televisiva e, portanto, é necessário compreender a dinâmica por trás da disputa da campanha televisiva.

O “jogo eleitoral televisionado” se constitui como um jogo não cooperativo,³ que pode se apresentar como simultâneo ou sequencial. No primeiro caso, cada partido/coligação define sua estratégia de persuasão sem saber quais estratégias utilizarão os oponentes. No segundo caso, de acordo com a estratégia utilizada por um ator, o outro poderá modificar a sua e, assim, sucessivamente. Tendo por base essa lógica, acredita-se

³ O jogo é cooperativo quando há acordos entre os atores (jogadores) antes que eles definam suas ações. Ao contrário, o jogo não é cooperativo sempre que os acordos prévios não sejam possíveis (SCHARPE, 1997, p. 8).

que a campanha televisiva começa como um jogo simultâneo, uma vez que o início de sua transmissão tem data e horário determinados para todos os atores em disputa. Entretanto, à medida que se desenvolve, ela se torna sequencial.

Ao se transformar em um jogo sequencial, a campanha adquire uma dinâmica similar à de um “debate em evolução”. Neste sentido, os argumentos que surgem no decorrer da campanha só são plenamente inteligíveis quando se reconhece o diálogo que eles estabeleceram com as campanhas adversárias (Fuks; Paiva, 2006). A interlocução entre as propagandas televisivas pode, portanto, provocar alterações na estratégia de persuasão inicialmente definida para uma campanha.

2.1 Atores, contexto e estratégias de campanha

O “jogo eleitoral” é integrado pelos partidos e/ou coligações partidárias da situação e da oposição – atores cuja interação é estruturada segundo regras pré-estabelecidas, obedecidas por todos quando se trata de um regime democrático. Os atores operam em conformidade com as leis eleitorais, que incentivam ou limitam o conteúdo, o formato e a divulgação das propagandas eleitorais (contexto institucional).

As leis regulamentam a propaganda eleitoral e impactam a estratégia de persuasão utilizada pelos partidos/candidatos. Isso não significa que as leis sempre resultem em uma mudança de estratégia, mas é possível que impliquem no ajuste dela. A legislação brasileira impõe, por exemplo, restrições ao formato e à mensagem presentes nos *spots*:

Na veiculação das inserções, será vedada a utilização de gravações externas, montagens ou encenações, computação gráfica, desenhos animados e efeitos especiais, e a veiculação de mensagens que possam degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação (BRASIL, Resolução nº 22.261, art.26, 2006).⁴

⁴ A Resolução nº 22.261 de 29 de junho de 2006 dispõe sobre a propaganda eleitoral para as eleições de 2006 no Brasil.

As estratégias utilizadas nos *spots* sofrem, ainda, influência dos recursos de que dispõe cada ator político. Não é possível, por exemplo, empregar uma estratégia baseada no sucesso obtido por um governo em curso ou passado se o partido se encontra na oposição. Outro recurso, central no que se refere à definição da estratégia, é o posicionamento do ator político nas pesquisas de intenção de voto, como se verá adiante.

Identificando os atores, seus recursos e preferências, é possível reconstruir (ou prever, uma vez que se trata de contextos de informações incompletas) determinadas ações por parte dos atores, ou seja, definir e analisar as estratégias presentes nas propagandas televisivas. Antes de apresentar a proposta tipológica é necessário evidenciar a discussão teórica por trás dela.

Um dos debates acadêmicos centrais sobre campanhas eleitorais trata da dicotomia “imagem *versus* propostas” (*issues*) nas propagandas televisivas. Na tentativa de contribuir com o debate, Johnston e Kaid (2002) analisaram treze eleições presidenciais estadunidenses com o objetivo de identificar qual o foco das propagandas: imagem ou propostas. O resultado apontou que a propaganda televisiva, em sua maioria, se caracterizava pela tentativa de construir determinada imagem.

A construção da imagem, geralmente, é pautada no estabelecimento de arquétipos (Beaudoux *et al.*, 2005) ou tipos ideais (MARTINEZ PANDIANI, 2004). Nas propagandas eleitorais, isso significa apresentar um candidato com determinados atributos, habilidades,⁵ que o cidadão considera necessários para cumprir uma função real, ou seja, para desempenhar bem a função do cargo em disputa.

Em relação à existência de propostas (*issues*) nos *spots*, interessa captar o sentido que as propostas temáticas possuem em cada uma das propagandas, ou seja, seu caráter de utilização. Estudo de Beaudoux *et al.* (2005) sobre a campanha presidencial argentina de 2003 apontou para a presença de temas (*issues*) na maioria dos *spots* eleitorais. Entretanto, advertiu para o

⁵ Honestidade/ integridade, dureza/fortaleza, solidariedade/ compaixão, competência/ capacidade, desempenho/êxito, homem comum/ homem do povo, patriotismo, juventude, pai de família.

fato de que esta presença não significava a apresentação de propostas concretas, tampouco o posicionamento claro do candidato/partido sobre determinada questão. O estudo concluiu pela existência de um predomínio das “propostas temáticas difusas” – caracterizadas pelo tratamento superficial do tema, ou seja, pela imprecisão e pela generalidade.

Após identificar o foco (se imagem ou proposta) do *spot*, portanto, é fundamental determinar o caráter argumentativo presente nele. Dito de outro modo, passamos a analisar se a propaganda enfatiza a apresentação de propostas e, em caso afirmativo, se são concretas ou “temáticas difusas”.

A dicotomia apresentada é válida para os *spots* positivos e os negativos – caracterizados pela crítica, pelo ataque ao adversário. Nesse sentido, o ataque pode se dar contra a imagem ou as propostas temáticas do oponente. O *spot* negativo pode, ainda, ser reativo, sempre que responder aos ataques dos oponentes, seja revidando com ataque ou reafirmando o argumento criticado pelo adversário.

À luz dos debates acadêmicos e em um esforço por categorizar as estratégias de persuasão utilizadas, propõe-se a seguinte configuração:

	POSITIVA	NEGATIVA
AÇÃO	A – P	A – N
REAÇÃO	R – P	R – N

A estratégia é uma Ação Positiva (AP) quando apresenta as propostas, o partido ou o candidato. É de tipo Ação Negativa (AN) se o seu enfoque consiste em atacar o adversário e/ou suas propostas. Uma estratégia de tipo Reativa Positiva (RP) é aquela baseada em reafirmar a postura e/ou proposta criticada pelo oponente. Por sua vez, ela é Reativa Negativa (RN) sempre que se defende das críticas do adversário com ataque.

	IMAGEM	ISSUE (proposta)
RETROSPECTIVA	R – IM	R – IS
PROSPECTIVA	P – IM	P – IS

A estratégia Prospectiva (P) apresenta uma visão otimista em relação ao futuro, sempre que sua natureza seja positiva – Ação ou Reação. Quando ela se refere à Imagem (P-IM), o discurso será: as qualidades do candidato (ou partido) são essenciais para fazer o país avançar. No caso de se centrar em *Issue* (P-IS) serão apresentadas as propostas exitosas a serem implantadas no país.

Ao contrário, se sua natureza for negativa (ação ou reação), a estratégia Prospectiva (P) procurará evidenciar que uma possível vitória do oponente representará uma situação futura pessimista. Se ela trata da Imagem (P-IM) a ideia defendida será que o adversário é um “perigo” para o país, visto que é corrupto, incompetente, ou possui alguma outra característica que fará com que um possível governo seu fracasse. Ao focar *Issue* (P-IS), o discurso defendido será o de que as propostas do adversário, se instituídas, farão o país entrar em crise.

A estratégia Retrospectiva (R) centra-se em apresentar os benefícios introduzidos pela administração passada (ou em curso), no caso de possuir uma natureza positiva. Ela é Retrospectiva em Imagem (R-IM) quando associa os bons resultados obtidos aos atributos do candidato e/ou partido. É Retrospectiva em *Issue* (R-IS) quando apresenta, fundamentalmente, as políticas exitosas implantadas.

A estratégia Retrospectiva (R) enfoca as políticas fracassadas introduzidas pelos governos dos opositores, sempre que apresentar uma natureza negativa. Nesses casos, ela é Retrospectiva em Imagem (R-IM) ao atribuir às características do candidato (ou partido) adversário o fracasso (ou pouco êxito) da administração exercida por ele. É Retrospectiva em *Issue* toda vez que evidenciar os maus resultados das políticas levadas a cabo pelos oponentes.

3 *Spot*: a campanha concentrada

O formato do *spot* na propaganda eleitoral brasileira exige dos partidos a capacidade de concentrar a mensagem em curtos espaços de tempo, assim como em períodos de transmissão reduzidos – em 2006, a transmissão se realizou entre 15 de agosto e 28 de setembro (1º turno).

No país é vedada a compra de espaço para a divulgação da propaganda eleitoral na televisão. Além do espaço concedido por meio do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE),⁶ os partidos dispõem de espaços diários para a divulgação de inserções de até 60 segundos, distribuídas durante a programação, referentes à propaganda dos candidatos a Presidência da República.

Este trabalho analisou os *spots* divulgados pela coligação “A força do povo” (PT, PRB, PC do B) e “Por um Brasil decente” (PSDB, PFL, atual DEM), que totalizaram 51 *spots*. Cada *spot* foi considerado como uma unidade de análise no banco de dados criado com o Microsoft Access. Não foram contabilizadas as repetições dos *spots*, sendo considerada a primeira data de exibição.

3.1 O Brasil está crescendo...

A estratégia utilizada nos *spots* da coligação A Força do Povo centrou na constante referência às políticas exitosas desenvolvidas durante os quatro anos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Elas eram associadas às próprias qualidades do candidato à reeleição – o que neste trabalho se classificou como uma estratégia Retrospectiva em Imagem (somada à Ação Positiva).

Em 57,7% dos *spots*, a coligação fez menção às benéficas políticas implantadas pela administração petista. Na mesma porcentagem de inserções, introduziu-se algum tipo de ênfase ao otimismo em relação ao futuro do país, o que sugere a opção da

coligação partidária por uma estratégia conhecida na literatura como típica do “mandatário”, a da defesa da continuidade.

Um dos trabalhos que ilustra bem a citada estratégia é o de Figueiredo *et al.* (1998), por meio da metáfora do copo d’água. Frente à figura do copo que apresenta água até a metade podem-se dar duas interpretações de mundos possíveis: ou o copo está meio cheio ou meio vazio. A primeira trata da argumentação defendida pelo mandatário, ou seja, a defesa da lógica de que a situação atual é boa e ficará ainda melhor se houver a continuidade do governo.

Spot: A Força do Povo – Transmitido por primeira vez no dia 15 de agosto de 2006. Tempo: 15 segundos

Lula: O Brasil está crescendo. O Brasil pode e quer crescer muito mais. Mas o importante é crescer como estamos crescendo: melhorando a vida dos brasileiros. Porque um país não é feito de números, mas de pessoas.

A decisão por uma campanha otimista e centrada no candidato, também, se mostrou na predominância de determinados apelos nas propagandas. Em 46,2% dos *spots*, o apelo à imagem e/ou ao caráter do candidato se destacou; em 42,3% a predominância foi do apelo emocional. Somente 11,5% dos *spots* tiveram como apelo predominante os temas (*issues*).

O otimismo, também, se mostrou compatível com a opção por uma campanha pouco agressiva, visto que 88,5% das inserções foram positivas, incluindo as reativas. Em todos os casos, optou-se pela não adesão à “briga”, incitada pelo principal adversário, Geraldo Alckmin, como mostrou o spot transmitido no dia 4 de setembro.

Spot: A Força do Povo - Transmitido por primeira vez no dia 4 de setembro. Tempo: 15 segundos

Lula: Não revidarei agressões. Os que me caluniam, que aguardem o julgamento da história. Os que me insultam, que aguardem o julgamento do povo. Nunca traí meus ideais. Meu sonho é continuar lutando pelo Brasil.

A opção por uma campanha otimista, sem agressões ao oponente, provavelmente se deve à boa aprovação do candidato petista junto aos cidadãos – situação que se manteve durante todo o período eleitoral. Na pesquisa do dia 22 de agosto, Lula era aprovado como Presidente da República por 52% dos entrevistados e, se a eleição fosse naquela data, ele sairia vitorioso com 56% dos votos válidos, frente aos 25% de Geraldo Alckmin.⁷ O bom posicionamento nas pesquisas se manteve mesmo quando a campanha de Alckmin intensificou os ataques a Lula no final de agosto.

⁷ Fonte: Datafolha.

Os poucos *spots* negativos divulgados pela coligação petista, 11,5%, se concentram no final da campanha e, destes, em sua maioria (66,7% dos *spots* negativos) tratavam de ataques indiretos ao oponente. A tática de ataque mais utilizada foi da justaposição (66,7% dos *spots* negativos), que consiste em comparar políticas introduzidas pelos partidos de ambos os candidatos enquanto eles se encontravam na Presidência da República. Isso exigia que o cidadão comparasse os benefícios obtidos no governo Lula aos supostos problemas do antigo governo do PSDB.

Spot: A Força do Povo – Transmitido por primeira vez no dia 4 de setembro. Tempo: 30 segundos

Off: Das 75 quadrilhas desarmadas pela Polícia Federal, 61 foram formadas em governos anteriores. Operação Vampiro. Quadrilha armada em 1993. Desarmada em 2004 no governo Lula. Operação Anaconda. Quadrilha armada em 1997. Desarmada no final de 2003 por Lula. Operação Sanguessuga. Quadrilha formada em 2001. Desarmada por Lula em 2006. Eles armam. Lula desarma.

3.2 Entre o ataque e a publicidade

Os *spots* da coligação PSDB-PFL (PFL, atualmente, é DEM) utilizaram duas estratégias. A primeira, sempre presente, tratou de apresentar e evidenciar a trajetória política (e, em

certa medida, profissional) do candidato Geraldo Alckmin, utilizando, assim como o seu adversário, uma estratégia Retrospectiva em Imagem de tipo Ação Positiva. A segunda, que começou no final da primeira quinzena da campanha, se centrou no ataque direto ao governo petista e ao seu candidato – que ocupou 31,2% do total das inserções (Ação Negativa somada à Retrospectiva em Imagem).

A necessidade de se mostrar aos brasileiros, possivelmente, se explica pelo fato de que, mesmo havendo exercido cargos importantes (prefeito, deputado e governador de São Paulo), Alckmin seguia como um desconhecido para grande parte da população. Em 56% das inserções, o apelo dominante foi à imagem e ou ao caráter do candidato.

Spot: Por um Brasil Decente – Transmitido por primeira vez no dia 15 de agosto. Tempo: 15 segundos

Off: Geraldo Alckmin, médico, governador, 19 hospitais, remédio de graça.

Alckmin: Menos dinheiro para pagar juros e mais dinheiro para a saúde. Este é o meu compromisso.

Off: Geraldo Presidente.

Para reforçar a ideia de um candidato com o perfil ideal para ocupar a Presidência, a coligação tucana contou com o apoio de outros políticos conhecidos do PSDB e do PFL (DEM) em 16% de suas inserções.

A divisão entre as estratégias se torna, ainda, mais evidente ao constatar os dois temas predominantes nos *spots*: a crítica ao partido/candidato adversário, qualidades (atributos ideais) do candidato. Ambos estão presentes em 24% das propagandas tucanas.

TABELA 1. Tema Dominante. Por um Brasil Decente.

Segurança	0%
Educação	4%
Emprego	0%
Moradia	0%
Saúde	8%
Infraestrutura/ Obras públicas	0%
Aumento da renda familiar	0%
Estabilidade econômica	0%
Redução dos Impostos	12%
Honestidade/ Contra a corrupção	0%
Crítica ao candidato/partido opositor	24%
Atributos ideais do candidato/partido	24%
Informação sobre o desenvolv. da campanha	16%
Cardápio de Temas	12%
Outros	0%

Fonte: Elaboração própria – banco de dados.

A crítica ao candidato à reeleição se dividiu entre associar o candidato às políticas pouco exitosas (71,4% dos *spots* negativos) e sua identificação com pessoas envolvidas em escândalos de corrupção (28,6% dos *spots* negativos). A última, inclusive, se evidencia no próprio nome adotado pela coligação, Por um Brasil Decente.

Spot: Por um Brasil Decente – Transmitido por primeira vez no dia 31 de agosto. Tempo: 30 segundos

Off: Lula em 2002.

Lula: Se eu ganhar as eleições, todo o mês os ministros vão ter que prestar contas porque nós vamos cobrar de cada ministro o que está acontecendo em cada área.

Off: Zé Dirceu. Acusado de corrupção. Gushiken. Acusado de corrupção. Palocci. Acusado de crimes no caso do caseiro. Humberto Costa. Acusado na máfia do sanguessuga. E o Lula não sabia de nada? Ele não merece o seu voto.

Em relação às políticas do governo consideradas pouco exitosas, tal imagem era retratada na propaganda tucana a partir da lógica do “copo meio vazio”. A ideia era abordar várias áreas, mostrando um governo fracassado, uma realidade ruim. A mudança, supostamente para melhor, viria apenas com a vitória do candidato da oposição. Em 20% dos *spots* exalta-se a mudança, e em 40% afirma-se que se Geraldo saísse vitorioso das urnas, a situação brasileira melhoraria. A maioria dos ataques contra o PT e o seu candidato (85,7% dos *spots* negativos) foi direta, ou seja, mencionaram explicitamente os citados atores. O que variou foram as táticas de ataque, que se dividiram em três, como explicitado na TAB. 2.

TABELA 2. Tática de ataque. Por um Brasil Decente.

Tática (dominante) de ataque	
Identificação do adversário com pessoas corruptas	28,6%
Associação do adversário com políticas negativas/crises	57,1%
Justaposição	14,3%

Fonte: Elaboração própria – banco de dados.

3.3 Partidos, recursos e estratégias

Nenhum dos *spots* de ambas as coligações apresenta uma proposta concreta. Em aproximadamente metade das propagandas, há “propostas temáticas difusas” (Beaudoux *et al*, 2005) e nas demais não há nem proposta. O que se percebe são promessas para a melhoria da saúde, da educação ou argumentos contra a corrupção, enfim, a presença de temas que são consenso entre cidadãos e candidatos. Assim, os candidatos evitam se posicionar sobre impostos, aborto, cotas sociais ou qualquer temática que coloque em risco a perda de alguns votos.

A opção de ambos os atores por uma estratégia de Ação Positiva somada à Retrospectiva em Imagem foi acompanhada

da tendência de promover a ideia de competência dos candidatos para ocupar o cargo em disputa.

TABELA 3. Apelo à imagem do candidato – 2006.

Atributos	Lula	Alckmin
Honestidade	7,7%	20%
Força/determinação	3,8%	0%
Compaixão/solidariedade	0%	0%
Competência/capacidade	65,4%	56%
Desempenho/Êxito	53,8%	32%
Dinamismo	0%	0%
Homem do povo/comum	3,8%	0%
Patriotismo	15,4%	4%
Juventude	0%	0%
Pai de família	0%	0%

Fonte: Elaboração própria – banco de dados.

À noção de competência se somou outra, o atributo de desempenho. O que as pesquisas de intenção de voto e o resultado das urnas sugerem é que Lula foi mais bem avaliado pela população nesses critérios se comparado ao seu adversário. Sem dúvida, uma vantagem do petista é que o seu governo, além de lhe proporcionar visibilidade nacional, era aprovado pela maioria da população, enquanto Alckmin apenas podia apresentar suas conquistas no Estado de São Paulo, onde foi governador.

Seguindo a lógica do PSDB de utilizar uma estratégia de Ação Negativa associada à Retrospectiva em Imagem, Alckmin procurou inserir na pauta de temas o atributo da honestidade. Acreditava que isso poderia ajudá-lo a se contrapor positivamente à Lula – a quem tentava associar a imagem de desonesto, fazendo constantes referências aos escândalos de corrupção ocorridos durante a administração do petista. O mesmo atributo, entretanto, não foi considerado um tema importante pelo adversário petista.

QUADRO 1. Estratégias Predominantes – 2006.

PSDB	Ação Positiva + Retrospectiva em Imagem Ação Negativa + Retrospectiva em Imagem
PT	Ação Positiva + Retrospectiva em Imagem

Em relação ao desenvolvimento das estratégias, os dois partidos se mantiveram fiéis às suas escolhas ao longo de toda a campanha. O PT optou por mantê-las devido ao fato de que seu favoritismo permanecia, mesmo após a intensificação dos ataques contra seu candidato, ou seja, o partido não tinha incentivos para mudar uma estratégia que o mantinha como primeiro colocado na intenção de votos. O PSDB não pôde abrir mão de adotar estratégias de natureza negativa, uma vez que buscava diminuir a diferença em relação ao candidato petista.

4 Algumas considerações

Este trabalho apresentou uma proposta tipológica de estratégias de persuasão utilizadas pelos partidos/candidatos nos *spots* eleitorais. Esta foi uma tentativa de avançar um pouco mais nos estudos apresentados sobre o tema.

Analisando os *spots*, foi constatado que as estratégias, independentemente de que o partido seja da oposição ou da situação, estão muito centradas em transmitir mensagens associadas às qualidades (atributos) dos candidatos. Em nenhum dos *spots* foi apresentada uma proposta concreta e tampouco os candidatos se posicionaram em relação a qualquer política. Além disso, as estratégias de ambas as coligações tiveram, predominantemente, apelos emocionais conectados aos atributos do candidato.

O leitor poderá argumentar que o próprio formato do *spot*, com curta duração, não abre espaço para a exposição de ideias e, assim, para o debate, o que termina por favorecer o

emocional e o enfoque na imagem da pessoa do candidato. O argumento, ainda que válido, deve ser posto em perspectiva quando se retorna ao pressuposto de que a campanha é um “debate em evolução”, vivenciado em um “jogo sequencial”. O candidato, ainda que não tenha tempo para aprofundar as propostas – um modelo emancipatório de educação, a redução de impostos, a descriminalização das drogas – tem, sim, a opção de se posicionar, de introduzir a questão e convidar, no caso do Brasil, para um debate na própria televisão, dentro do HGPE, ou mesmo em outras instâncias como a internet, comícios etc.

Por fim, diferentemente do que ocorre nas campanhas eleitorais estadunidenses, nos *spots* brasileiros analisados, ainda que parte seja negativo, a ênfase, mesmo no caso da coligação Por um Brasil Decente, não esteve sempre nas agressões ao oponente. Isso é verdade, pelo menos quando se analisam apenas os *spots*.

É importante destacar que esta análise é ainda preliminar. O objetivo foi apontar para a necessidade de aprofundar nos estudos sobre as estratégias utilizadas nas propagandas televisivas, uma vez que, atualmente, estas se tornaram a principal estrela das eleições (ao menos quando se trata daquelas para cargos majoritários).

Referências

Albuquerque, Afonso de. *Aqui você vê a verdade na tevê: a propaganda política na televisão*. Niterói: UFF, 1999.

Beaudoux, Virginia; D’Adamo, Orlando y Slavinsky, Gabriel. *Comunicación política y campañas electorales: estrategias en elecciones presidenciales*. Barcelona: Gedisa, 2005.

BRASIL. Resolução No. 22.261, de junho de 2006. Disponível em: <<http://www.eleitoral.mpf.gov.br/legislacao/res22261.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2008.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. Cresce intenção de voto em Lula. *Datafolha Eleições*, São Paulo, 3 fev. 2006. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/polver_po.php?session=219>. Acesso em: 25 nov. 2009.

DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: EDUSP, 2002.

Figueiredo, Marcus; Aldé, Alessandra; Dias, Heloisa y Jorge, Wladimir. Estratégias de Persuasão em Eleições Majoritárias: Uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. *Com Série Estudos Iuperj*, n° 100, jul. 1998.

FUKS, Mario; PAIVA, Daniela. Persuasão e deliberação sobre políticas públicas. a propaganda política no “referendo das armas”. In: INÁCIO, Magda; NOVAIS, Raquel; ANASTASIA, Fátima (Org.). *Democracia e referendo no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 206-248.

Johnston, Anne; Kaid, Lynda Lee. Image ads and issue ads in U.S. Presidential advertising: using videostyle to explore stylistic differences in televised political ads from 1952 to 2000. *Journal of Communication*, v. 52, n. 2, p. 281-300, June 2002.

MARTÍN SALGADO, Lourdes. *Marketing político: arte y ciencia de la persuasión en democracia*. 4. ed. Barcelona: Paidós, 2002.

MARTINEZ PANDIANI, Gustavo. *Marketing político: campañas, medios y estrategias electorales*. 3. ed. Buenos Aires: Ugerman Editor, 2004.

SÁDABA Garraza, Tereza. Los anuncios de los partidos en televisión: el caso de España (1993-2000). In: BERROCAL GONZALO, Salomé (coord.). *Comunicación política en televisión y nuevos medios*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 161-205.

SCHARPF, Fritz W. *Games Real Actors Play: actor-centered institutionalism in policy research*. Colonia: Westview Press, 1997.

Relato de experiência

A construção do raciocínio lógico-dedutivo para alunos dos cursos de engenharia metalúrgica

João Bosco dos Santos*
Ricardo Shitsuka**
Ricardo Luiz Perez Teixeira***

*Mestre em Engenharia metalúrgica, Departamento de Materiais, DEMAT-CEFET-MG - Campus I. joaobosco@des.cefetmg.br

Resumo

Neste trabalho, realizou-se um experimento em sala de aula com turmas do ciclo básico do curso de engenharia metalúrgica da Universidade do Estado de Minas Gerais por quatro semestres consecutivos durante as aulas iniciais da disciplina Materiais. Utilizando a técnica de perguntas e respostas, grupos de alunos de engenharia metalúrgica são conduzidos pelo método indutivo-dedutivo, previsto na metodologia científica de construção do conhecimento, a identificar diferentes tipos de materiais – objetos – de formatos diferentes contidos numa caixa de papelão fechada. Os alunos são desafiados na prática desenvolvida neste trabalho a descobrir o conteúdo escondido em caixas fechadas por meio de análise e desenvolvimento de critérios factíveis. Os resultados deste trabalho revelaram a motivação e desenvolvimento do raciocínio lógico dos alunos de engenharia metalúrgica necessário para a profissão de engenheiro.

Palavras-chave: Educação em Engenharia. Experimento em sala de aula. Método indutivo-dedutivo. Modelos. Classificação de materiais.

*Doutor em Ciências, Departamento de Engenharia de Materiais, Universidade Federal de Itajubá- Campus Avançado de Itabira. ricardoshitsuka@unifei.edu.br

*Doutor em Ciências, Engenharia Metalúrgica e de Materiais, Departamento de Engenharia de Materiais, Universidade Federal de Itajubá- Campus Avançado de Itabira. ricardo.luiz@unifei.edu.br

Abstract

All undergraduation courses in engineering and exact sciences are so interesting to develop curiosity, observation and conduct activities that help to develop logical reasoning and these activities can be linked to the pedagogical practice in the disciplines. Using the technique of feedback, groups of students are commanded to identify different types of materials – objects – different formats contained in a cardboard box closed using an inductive - deductive methodology provided in scientific knowledge construction. The results indicated that the students were motivated and developed the logical reasoning required for profession.

Keywords: Engineering education. Experiment classroom.

Inductive-deductive method. Models. Classification of materials.

1 Introdução

A formação de engenheiros e pessoal das áreas de ciências exatas se constitui num desafio para os educadores: os alunos têm que contar além da formação teórica com viés prático que os relacione com as realidades que existem no mundo físico e material, pois se espera que engenheiros, físicos, químicos ou matemáticos saibam transportar as realidades do mundo real para seus sistemas e modelos, e que estes permitam simular e realizar previsões úteis à sociedade.

Nos cursos de engenharia, as disciplinas experimentais, laboratoriais ou práticas têm o mérito de permitir que o aluno aprenda fazendo, ou seja, enquanto nas aulas teóricas, o aluno aprende ouvindo, lendo e escrevendo, já nas aulas prática há a ação em outros sentidos do corpo humano: ora visual, sonoro, olfativo, cinestésico etc. Além disso, há que se desenvolver: o bom senso, a cooperação com os colegas e o grupo, a dialogia, o tratamento dos dados aferidos e o desenvolvimento do raciocínio lógico.

A prática docente trabalhada em sala de aula consistiu em introduzir aos acadêmicos de engenharia metalúrgica o conceito de ciência num sentido mais restrito, referindo-se na prática sistemática por meio da observação/caracterização, proposição de hipótese, previsão e experimentação de fenômenos que for seu objeto de trabalho, seja ele físico, químico, de resistência, de logística, de gestão de processos e até no gerenciamento de pessoas, onde a relação entre a causa e o efeito do fenômeno estudado deverá estar correlacionada.

Quando se trabalha com métodos e metodologias se possibilita que os alunos contem com certo grau de autonomia na realização dos seus trabalhos.

Na aprendizagem geral, muitos autores, consideram importante e necessária, que exista uma dose de autonomia para que o aluno aprenda e se desenvolva (MARTINS;

MACIEL, 2010, FREIRE, 2011, BRASIL; SILVERES, 2012).

O aprendizado da metodologia científica e a aplicação da mesma possibilitam ao aluno obter certo grau de autonomia na realização de suas pesquisas e na elaboração de seus projetos e trabalhos. Desta forma, torna-se interessante que se desenvolva habilidades, competências e atitudes voltadas para a metodologia e os métodos e, por conseguinte, para a autonomia para os alunos dos cursos de engenharia.

Baseando-se no método científico - método de Galileu - se descreve os passos da indução/dedução/nova indução, atualmente, muito utilizado no âmbito da ciência. Os registros de relatos contemporâneos de pesquisadores em metodologia do desenvolvimento tecnológico científico e é de conhecimento que outras formas de abordagem são alteradas quando o indivíduo pergunta a respeito de alguma possibilidade até então não pensada e consegue formular uma resposta coerente possível de experimentação e repetição pelo mesmo ou por outro indivíduo em outro local mantendo-se as mesmas condições ali estabelecidas (PEDRAZA, 1990; COHEN; NAGEL, 2012).

A visão sistêmica é aquela proposta por Bertalanffy que considera que um sistema é um conjunto de componentes interagentes e interdependentes com objetivo comum (BERTALANFFY, 2008).

Alguns pesquisadores durante a fase de experimentação de seus objetos de pesquisa acreditam que os fenômenos estudados e observados “conversam” com seus contempladores numa linguagem própria - matemática - e caso as respostas ao estímulo provocado ao sistema ainda não estejam coerentes, ou ainda não seja possível de repetição, a limitação não está no fenômeno que acontece independente de nossa vontade, mas na maneira de como está sendo feita a pergunta.

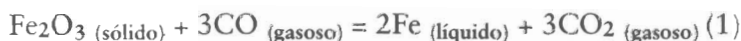
Será que já se fez a pergunta “certa” no desenvolvimento de nossas pesquisas? Os fenômenos naturais estudados não

possuem ideologia, são apolíticos, não possuem preconceitos, paradigmas, eles simplesmente responderão “Sim” ou “Não”, ao estímulo que provocar-lhe alguma perturbação (alteração). Por exemplo, a medição de qualquer propriedade do material nada mais é do que a medida do efeito causado à perturbação deste sistema. Quando se estuda algum material, fenômeno ou processamento deve-se escolher o método de medida que interfira o mínimo possível no sistema em questão.

Um exemplo clássico foi o desenvolvimento tecnológico de produção do aço ao longo dos séculos XIX e XX, quando o homem aprendeu a fazer a pergunta “certa” ao forno durante a elaboração de ferro-gusa no alto-forno, e por meio de muita experimentação e do surgimento de inúmeras perguntas mensurando os efeitos gerados no reator, ao manipular seus parâmetros e insumos, chegou-se finalmente a produção do aço. Ao se obter a resposta para a pergunta, propôs modelos físico-químicos de redução do minério de ferro para ferro-gusa e conseguiu reproduzir com fidelidade a reação química que ocorria dentro daquele cilindro a alta temperatura, sem estar presente fisicamente para observar a “olho nu” o fenômeno que se processava.

Utilizando uma metodologia científica, observou, analisou, levantou hipóteses e testou-as, propôs modelos, e obteve resultados coerentes com as hipóteses levantadas, enfim ao longo de dois séculos fez a pergunta “certa” e o fenômeno respondeu a esta pergunta, ou seja, aprendeu a “conversar” com o alto-forno.

Hoje, existem, por exemplo, na área de metalurgia, manuais de operação que nada mais são do que conhecimento sistematizado do mecanismo de redução do minério (Fe_2O_3) em ferro gusa (Fe) representado pela reação química:



Conhecedor desse mecanismo de reação química apresentado em (1), um forneiro consegue controlar a produção deste produto monitorando os insumos que são adicionados na entrada do alto forno. Visto que esse conhecimento já é de domínio das ciências de materiais e largamente empregado por técnicos e engenheiros metalurgistas, envolvidos com o processamento de metais se faz necessário definir o método científico adotado que possibilitou esse avanço na ciência.

Entende-se por método científico (PEDRAZA, 1990; KÖCHE, 1997; COHEN; NAGEL, 2012) como sendo um conjunto de procedimentos básicos para desenvolver uma experiência a fim de produzir novo conhecimento, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes.

Quando se trabalha os fenômenos físico-químicos típicos do processamento dos metais em sala de aula é recomendável adotar uma abordagem própria da metodologia científica, conduzindo o nosso acadêmico a trabalhar os elementos da caracterização, das hipóteses, previsões e experimentos. Além dos aspectos da observação, descrição, previsão, controle, falseabilidade e explicação das causas. Estes aspectos estão abaixo, conforme (KÖCHE, 1997):

- A Observação – uma observação pode ser simples, isto é, feita a olho nu, ou pode exigir a utilização de instrumentos apropriados.
- B Descrição – o experimento precisa ser replicável (capaz de ser reproduzido).
- C Previsão – as hipóteses precisam ser válidas para observações feitas no passado, no presente e no futuro.
- D Controle – para maior segurança nas conclusões, toda experiência deve ser controlada. Experiência controlada é aquela que é realizada com técnicas que permitem descartar as variáveis passíveis de mascarar o resultado.

- E Falseabilidade – toda hipótese tem que ser refutável. Isso não quer dizer que o experimento seja falso; mas sim que ele pode ser verificado, contestado. Ou seja, se ele realmente for falso, deve ser possível prová-lo.
- F Explicação das Causas – na maioria das áreas da ciência é necessário que haja causalidade.

Uma maneira linearizada de apresentar os pontos acima está exposta passo-a-passo, ressaltando que é apenas um exemplo, não sendo obrigatória a existência de todos esses passos. A propósito na maioria dos casos não se seguem todos esses passos, conforme (HEGENBERG, 1976).

- Definir o problema.
- Recolhimento de dados.
- Proposta de uma hipótese.
- Realização de uma experiência controlada, para testar a validade da hipótese.
- Análise dos resultados.
- Interpretar os dados e tirar conclusões, o que serve para a formulação de novas hipóteses.

Após a execução desses passos, geralmente, os resultados são objetos de publicação em monografias, dissertações, teses, artigos ou livros aceitos por universidades e/ou reconhecidos pela comunidade científica.

O método e experimento indutivo na identificação de materiais aplicado à disciplina ciência dos materiais é uma forma de desmistificar e fortalecer a abordagem da científica para um bom resultado na seleção dos diversos tipos de materiais para Engenharia. Essa abordagem metodológica e experimental dedutiva corresponde ao resultado de estudo desenvolvido no período de três semestres consecutivos para turmas do curso de Engenharia Metalúrgica da Faculdade

de Engenharia da Universidade do Estado de Minas Gerais no Campus Universitário de João Monlevade.

A pesquisa inicia-se com a sensibilização do corpo discente para a visão científica com a leitura pelo docente de um testemunho real na abertura de cada semestre letivo e finaliza com a análise de desempenho em notas e presencial para as turmas em cada fim semestre.

O testemunho é uma carta de um pai engenheiro ao seu filho (agora estudante do início de um curso de engenharia), e cujo tema de conteúdo é a adoção de uma metodologia científica na abordagem dos problemas e como proceder para se orientar para superação sistemática e científica dos problemas durante a caminhada acadêmica e depois para a vida profissional:

“Este período da sua vida é comumente chamado de vida de estudante. Isto é, de algumas maneiras, uma terminologia errada. Na realidade, seus dias de estudante estão apenas começando. Você está agora prestes a se tornar um estudante da vida real, e um engenheiro bem sucedido continua a ser um estudante para sempre. Nos seus dias de faculdade, seus problemas foram dimensionados para o perfil de aluno; eles eram propostos para dar certo, e as respostas frequentemente eram encontradas ao final do livro texto. Os problemas reais que lhe serão propostos nunca foram resolvidos antes; as respostas são desconhecidas. Você deverá se dimensionar para estes problemas. Alguns deles talvez você não consiga resolver, mas nunca admita isto até que você tenha esgotado todo e qualquer modo de solução. Nos diversos laboratórios da faculdade você testou diversas amostras, corpos de provas, tanto do ponto de vista químico, físico ou de engenharia. Você agora irá testar amostras de tamanho real e em troca, você irá se testar. De forma especial, não menospreze este ponto. Você será submetido ao teste da acidez, o teste da resistência e do teste da fratura. Preste atenção para que você possa suportar eles todos”. (Carta de um Engenheiro a seu filho. Revista Power, Dec. 15, 1925)

Esse testemunho se constitui num caso o qual pode ser abordado em outros momentos como estudo, pois a metodologia, os métodos e a visão sistêmica fornecem aos alunos a autonomia tão necessária para realizar seus estudos, trabalhos e experimentos.

2 Desenvolvimento

Como procedimento para a introdução e a avaliação da perspectiva indutiva racional avalia-se e registra-se a presença e o uso cognitivo do conhecimento de forma dedutiva a partir da apresentação em aula do conteúdo dos conhecimentos básicos sobre materiais do livro base da disciplina de ciência dos materiais (CALLISTER, 2007). Distinguem-se em três momentos distintos durante os semestres letivos:

- Aula com abordagem teórica de classificação dos materiais de engenharia existentes;
- Aula prática de identificação de materiais de engenharia utilizando “modelo de caixa fechada”;
- Aula de elaboração do relatório pelos acadêmicos a partir das observações levantadas durante os experimentos.

2.1 Primeiro momento: aula teórica

Numa abordagem teórica em sala de aula apresentou-se o conteúdo dos conhecimentos básicos sobre materiais da disciplina de Ciência dos Materiais (VAN VLACK, 1984; CALLISTER, 2007; SCHAKELFORD, 2008; ASHBY; JOHNSON,

2010) sobre a classificação dos materiais existentes, utilizaram-se os recursos audiovisuais em “data show”. Nesta etapa, apresenta-se a classificação dos materiais em metálicos, cerâmicos e poliméricos. Os principais usos dos diferentes tipos de materiais e aplicações foram apresentados assim como os principais processos de fabricação (processamento) de cada grupo na classificação tradicional.

2.2 Segundo momento: aula prática

Numa abordagem prática e avaliativa de envolvimento do professor com os conteúdos acadêmicos no ambiente da sala de aula, usaram-se algumas dinâmicas de grupo com uma disposição espacial dos alunos em círculo. Os alunos foram convidados a manusear o sistema que é uma caixa hermeticamente fechada e tentar, a partir de perguntas lógico-dedutivas conduzidas com a orientação do professor, descobrir qual objeto estavam dentro da caixa.

Material

- 1 Uma caixa retangular de dimensões aproximadas $50 \times 30 \times 10 \text{ cm}^3$ fechada e tendo um furo para coletas de cartões de perguntas.
- 2 Uma lata de laticínio (leite condensado) para ser objeto de investigação, sem rótulo e fechada.

Método

O professor fomenta o raciocínio lógico dedutivo para as perguntas sobre quais são os materiais da lata e do seu conteúdo. A sequência por parte dos alunos-professor para esta dinâmica é a seguinte:

- 1 Fazer a caixa circular entre os acadêmicos e a cada aluno será permitido realizar uma pergunta.
- 2 É esclarecido aos alunos que as perguntas devem ser simples.
- 3 É esclarecido aos alunos que as perguntas devem ser preferencialmente pequenas e objetivas.
- 4 O professor somente responderá: sim ou não, não existe resposta como: talvez, pode ser, acho que, e etc, então a fim de sistematizar evite formular perguntas como: é possível ao objeto..., pode ser que o objeto... etc, portanto tente evitá-las.
- 5 Os alunos são orientados a anotar as perguntas que já foram elaboradas a fim de eliminar repetição de perguntas e perda do raciocínio criado para descobrir qual é objeto.
- 6 Conhecedor do objeto, o professor deve ser imparcial, sem favorecer nenhum tipo de condução da dinâmica para nenhum dos campos de abordagem do objeto, pensando bem antes de responder o SIM ou NÃO de forma exata, podendo se esquivar de responder quando a pergunta for confusa e acabar atrapalhando o desenvolvimento da dinâmica.

Ao descobrir qual é o objeto alguns acadêmicos ficam incomodados ao perceberem que não se trata de uma engrenagem de carro, um rolamento ou de um componente mecânico qualquer de formato cilindro, uma vez que a maioria é induzida a pensar na definição do objeto em função de seu formato cilíndrico, que no caso presente é um enlatado cujo conteúdo é comestível e denso.

A ideia é de confundir e levar o acadêmico a sair do formato do objeto e se concentrar na lógica das perguntas, para chegar à conclusão do que é o objeto.

2.3 Terceiro momento: elaboração relatório

Para elaboração do relatório sobre a dinâmica desenvolvida em sala de aula na identificação do objeto, o professor subdivide a turma em grupos para relatar sobre como construir um relatório a respeito do experimento vivenciado.

Nessa etapa, o professor apresenta outras duas caixas de mesmo formato com outros dois objetos diferentes que deverão ser desvendados a partir da experiência já vivenciada com o primeiro objeto lata de laticínio.

A metodologia proposta para desvendar o conteúdo da caixa será a mesma adotada na primeira caixa, porém a mente dos acadêmicos já estará aguçada para solucionar o problema e isto é proposto a fim de levantar outros elementos para a discussão na fase de elaboração do relatório.

3 Discussão dos resultados

A caixa é um sistema e, portanto, fica bem delimitada e torna-se possível uma abordagem de questionamentos em cima do sistema, ou seja, uma análise no mesmo.

Neste experimento foi verificada a existência de dois comportamentos dispares totalmente antagônico. Talvez seja passível generalizar que o grupo “A” atingiu a maturidade ao descobrir que o conteúdo da caixa somente poderia ser descoberto através das perguntas, não havendo a necessidade de abrir a caixa de “Pandora”, mesmo conhecendo seu conteúdo após a elucidação do conteúdo da caixa.

O grupo “B”, ainda não havia atingido este grau de maturidade e mantinham-se presos ao formato da caixa, movimentando-a e tentando identificar através do som causado pelo deslocamento do objeto alguma pista que auxiliasse em

desvendar qual seria o objeto afinal. É interessante registrar que nesse grupo “B” a caixa teve que ser aberta para que verificassem se o objeto era mesmo um laticínio, ou seja, ainda permanecia uma dúvida. Esses dois comportamentos deverão ser objetos de estudos numa outra abordagem a fim de validar esta hipótese que agora está sendo levantada.

Devido ao envolvimento da turma na etapa de elaboração do relatório fica evidente como é rica e prazerosa tanto para o professor quanto para os acadêmicos, sendo que, nesta fase, alguns alunos são levados a concluir que não existe necessidade de tocar a caixa, mas apenas exercitar abstração a respeito do objeto através das perguntas e concluir a partir de então, o que foi típico do grupo “A”.

Algumas turmas após executar a dinâmica de perguntas sobre o conteúdo da caixa não viram a necessidade de abri-la e, mesmo após descobrir do que se trata, percebem o incomodo de não terem conseguido pensar de outra maneira que pudessem levar a solução do problema. Talvez por isso muitos acadêmicos se sentem estimulados, chego a pensar que alguns foram “mordidos” pela febre na tentativa de desvendar o enigma proposto, ou seja, sentiram incomodados e não se contentaram somente com a resposta, provavelmente serão acadêmicos que saíram de sua zona de conforto de deverão incomodarem bastante o corpo docente durante a jornada acadêmica.

Considerando o que foi trabalhado em sala de aula é sugerido aos acadêmicos que utilizem este método de dedução em suas vidas na identificação, caracterização dos problemas que se apresentarem a partir de então, levando-os a construir qualquer argumentação embasada em conhecimento concreto, experimentado, onde possíveis hipóteses foram testadas.

Visto que a ideia é adotar uma metodologia padrão para sistematizar o tipo de raciocínio, os acadêmicos elencaram algumas perguntas que poderão ser abordadas durante a

investigação na elaboração do relatório e na identificação dos outros dois objetos presentes na segunda e na terceira caixa:

- 1 É sólido? É líquido? É gasoso? É plasma? Apresenta-se em mais de um estado físico? É um invólucro vazio? É um invólucro contendo uma substância?
- 2 Tem formato regular? Tem formato irregular? É um cubo? É um cilindro? É uma esfera? É retângulo?
- 3 É oco? É maciço? É pesado? É leve? É denso?
- 4 É de vidro? É de metal? É de plástico? É de papelão?
- 5 É composto somente de um material? É composto de dois materiais? É composto de mais de dois materiais?
- 6 É um objeto comum de uma casa? É um objeto da cozinha? É um objeto do banheiro? É de brincar? É de estudar? É de trabalhar? É de comunicar?
- 7 É objeto de uso em hospital? É objeto de uso em escola? É objeto de uso em fábrica?
- 8 É um componente de uma máquina? É mecânico? É eletrônico? É eletroeletrônico?
- 9 É uma ferramenta de trabalho de um profissional?
- 10 É de comer? É de beber? É essencial à vida?
- 11 É um objeto de uso pessoal? É um objeto de uso coletivo?
- 12 É um objeto caro? É um objeto barato?
- 13 É degradável? É reciclável? É tóxico?

A ordenação das questões propostas de maneira sistêmica visando elucidar o conteúdo da caixa foi sugerida pelo corpo discente após a descoberta do conteúdo.

Outras considerações sobre experimento:

- 1 Quais são as questões-chaves usadas para decifrar qual é o objeto?

- 2 Se a caixa tivesse o formato cilindro ou esférico, isto mudaria alguma coisa no experimento?
- 3 Se o objeto emitisse algum tipo de som, isto mudaria alguma coisa no experimento?
- 4 Se o objeto emitisse luz a ponto do material da caixa não permite cercear sua luminosidade, modificaria alguma coisa na condução do experimento?
- 5 Se ao manusear a caixa percebêssemos um aumento de temperatura devido ao objeto, isto modificaria alguma coisa na condução do experimento?
- 6 Quais seriam as implicações se o objeto produzisse odor ao ser manuseado?

Sugere-se realizar os experimentos com outros cursos e áreas da engenharia de modo a se gerar informações que permitam a comparação dos resultados.

3 Conclusão

É possível se desenvolver uma metodologia por meio de dinâmicas interativas em sala de aula por meio de uma abordagem lógica: indutiva-dedutiva. A dedução lógica foi instigada pela dinâmica simples de investigar o conteúdo de uma caixa contendo um objeto desconhecido, e isto foi alcançado com este experimento em sala de aula, onde os acadêmicos sistematizaram a sequência lógica de perguntas que podem favorecer a identificação do objeto oculto.

Observou-se a existência de dois comportamentos nos potenciais pesquisadores ao abordar a dinâmica em sala de aula, houve grupos que se mostraram convencidos em determinar o conteúdo da caixa apenas pela lógica das perguntas

de forma sequencial e houve grupos que desejavam deduzir a partir do manuseio da caixa construindo hipóteses a partir do tipo de deslocamento imposto ao objeto dentro da caixa ao manusear a mesma.

É relevante o entusiasmo que se apropria do corpo discente quando são convidados a construir o relatório no terceiro momento da dinâmica a partir de observações realizadas pela turma. Ao descobrir o conteúdo da caixa de "Pandora" e ter seu conteúdo revelado pelo mecanismo simples de dedução verificou-se que a descoberta do objeto aconteceu somente devido ao compartilhamento (alinhamento) de ideias de todos envolvidos naquele processo de investigação.

Verificou-se que a partir desta dinâmica as turmas, geralmente, são despertadas para iniciar um processo lógico dedutivo de fazer inferências a respeito de outros modelos como: qual (is) mecanismo (s) levou (aram) a falha de sistemas como queda de pontes, aviões, quais passos estão por trás dos processos de investigação policial, ou seja, se você é capaz de desvendar através de perguntas é também capaz de construir modelos para explicar os métodos de investigação através da lógica dedutiva construída por meio de perguntas.

Estimulado pelo processo desencadeado no corpo discente, o professor mostrou para as turmas que o processo de geração de conhecimento de determinada área científica se dá através da divulgação e do compartilhamento destas informações em artigo de cunho técnico-científico estabelecendo aí uma comparação com situação real vivenciada com a dinâmica em sala de aula.

A cada pergunta elaborada por um aluno sobre o conteúdo da caixa pode ser interpretado como a publicação de um artigo divulgando um experimento que poderá ser somado aos demais após a segunda ou terceira rodada de perguntas com a caixa fechada numa perspectiva de construção do conhecimento com as partes se somando para constituir o todo. E

então aquele aluno pesquisador que conseguir relacionar as perguntas já levantadas pela turma deverá ser contemplado com a elucidação do conteúdo da caixa. Ressalta-se aqui a finalidade da revisão bibliográfica por meio de artigos técnicos na condução de qualquer pesquisa.

Referências

AL-HADDAD, S. An investigation of 12-16 year old pupils' understanding of statistics and probability in the kingdom of Bahrain. *Procedia Social and Behavioral Sciences*. v.8, 2010.

ASHBY, M. F.; JOHNSON, K. *Materiais e design: arte e ciência da seleção de materiais no design do produto*. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

BERTALANFFY, L. von. *Teoria geral dos sistemas: fundamentos, métodos e aplicações*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL, A.; SILVERES, L. O perfil do professor que estimula a autonomia no processo de aprendizagem. *Educação física em revista*, v. 6, n. 2 mai/jun/jul/ago, 2012.

CALLISTER JR., W. D. *Ciência e engenharia de materiais: uma introdução*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

COHEN, M.; NAGEL, E. *Introduccion a la logica y al metodo cientifico I*. Madrid: Amorrortu, 2012.

DIGNATH, C.; BUETTNER, G.; LANGFELDT, H. How can primary students learn self regulated learning strategies most effectively? A meta-analysis on self-regulation training programmes. *Education Research Review*. v. 3, p. 101-129, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAO, B. Study on the engineering practice course education teaching reform. *Procedia Engineerin*. v. 15, p. 4224-4227, 2011.

GEE, K. A.; WONG, K. K. A cross national examination of inquiry and its relationship to student performance in science: Evidence from the Program for International Student Assessment (PISA) 2006. *International Journal of Educational Research*, 2010.

GILLIES, R. M.; NICHOLS, K.; BURGH, G. HAYNES, M. Effects of two strategic and meta-cognitive questioning approaches on children's explanatory behavior, problem-solving, and learning during cooperative, inquiry-based science. *International Journal of Educational Research*, 2012.

KÖCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 14. ed. rev. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HEGENBERG, L. *Etapas da investigação científica*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1976.

LONGO, W. P. O programa de desenvolvimento das engenharias. *Revista Brasileira de Inovação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2004.

_____. Reflexões de um engenheiro sobre ciência, tecnologia e educação. *Revista de Ensino de Engenharia*, v. 29, n. 1, p. 40-50, 2010.

MARCHAND, H. Contributions of Piagetian and Post-Piagetian Theories to Education. *Educational Research Review*, 2012.

MARTINS, D. S.; MACIEL, A. M. N. A importância da autonomia para aprendizagem da língua inglesa. *Disciplinarum Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 11, n. 1, p. 89-110, 2010.

MOREIRA, M. A. *Subsídios epistemológicos para o professor pesquisador em ensino de ciências: a teoria da aprendizagem significativa*. Porto Alegre: Instituto de Física da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios6.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2013.

MUKAMA, E. Strategizing computer-supported collaborative learning toward knowledge building. *International Journal of Educational Research*, v. 49, p. 1-9, 2010.

PADILHA, A. F. *Materiais de engenharia: microestrutura e propriedades*. São Paulo: Hemus, 1997.

PEDRAZA, J. F. B. *Metodos de trabajo científico paralas enseñanzas*. Barcelona: Editorial Bruño, 1990.

SCHACKELFORD, J. F. *Ciência dos materiais*. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2008.

STANULIS, R. N.; LITTLE, S.; WIBBENS, E. Intensive mentoring that contributes of change in beginning elementary teachers' learning to lead classroom discussions. *Teaching and Teacher Education*, v. 28, p. 32-43, 2012.

SU, Y.; FENG, L.; YANG, C.; CHEN, T. How teachers support university students lifelong learning development for sustainable futures: The student's perspective. *Futures*, v. 44, p. 158-165, 2012.

VAN VLACK, L. H. *Princípios de ciência e tecnologia dos materiais*. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

Aos colaboradores

MAESTRIA é um periódico do Centro Universitário de Sete Lagoas que busca divulgar o conhecimento científico, em especial aquele que se constrói valendo-se da noção de multidisciplinaridade, de modo a operar, nos diversos saberes, um mecanismo de abertura ao novo.

O Conselho Editorial informa que está recebendo contribuições para os próximos números, em fluxo contínuo, tendo em vista a alteração para periodicidade semestral a partir de 2014.

Normas para envio de originais:

- Os textos devem ser enviados em arquivo digital, formato Word, com entrelinha 1,5, fonte arial, corpo 12, com o mínimo de uso de negrito, itálico, caixa alta ou qualquer outro tipo de destaque.
- As notas e referências devem limitar-se ao mínimo indispensável.
- Os artigos e relatos de experiências não devem ultrapassar 20 páginas; e as resenhas, 10 páginas, seguindo em todos eles as normas técnicas da ABNT.
- Os artigos devem conter:
 - a) título, resumo e palavras-chave em português e em uma língua estrangeira;
 - b) dados sobre o autor (formação, vínculo institucional, área de pesquisa, endereço eletrônico).
- Todos os trabalhos encaminhados para a revista serão submetidos à aprovação do Conselho Editorial. Eventuais sugestões de modificação serão comunicadas previamente aos autores.

- Ao ter o trabalho aprovado e publicado, cada autor terá direito a 3 exemplares da revista. Originais não aprovados não serão devolvidos.
- O original deve ser enviado para os e-mails maestria@unifemm.edu.br; biblioteca@unifemm.edu.br ou gravado em CD e endereçado para:

Revista Maestria

Biblioteca Central do UNIFEMM

A/C Maria Luiza Campolina França

Av. Marechal Castelo Branco, 2765 – Santo Antônio.

CEP 35.701-242 – Sete Lagoas – MG

Outras informações: maestria@unifemm.edu.br; biblioteca@unifemm.edu.br



Maestria é uma revista que busca divulgar o conhecimento científico, principalmente o que se constrói valendo-se da noção de multidisciplinaridade, de modo a operar nos diversos saberes um mecanismo de abertura ao novo.

"As multiplicidades se delinham pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras."

Endereço para correspondência:

Maestria – Biblioteca Central – UNIFEMM
Av. Marechal Castelo Branco, 2765, Santo Antônio
CEP 35701-242 – Sete Lagoas, MG

maestria@unifemm.edu.br